

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE LINGUAGENS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE  
LINGUAGEM

ALINEE SILVA DOS SANTOS

ENUNCIADOS DES/RETERRITORIALIZADOS E A  
(DES)LEGITIMAÇÃO DO PARADIGMA MONOLÍNGUE

CUIABÁ – MT

2017

ALINEE SILVA DOS SANTOS

ENUNCIADOS DES/RETERRITORIALIZADOS E A  
(DES)LEGITIMAÇÃO DO PARADIGMA MONOLÍNGUE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Zolin Vesz

CUIABÁ – MT

2017

### **Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.**

S237e Santos, Alinee Silva dos.  
Enunciados des/reterritorializados e a (des)legitimação do paradigma monolíngue  
/ Alinee Silva dos Santos. -- 2017  
82 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Fernando Zolin Vesz.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de  
Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Cuiabá, 2017.  
Inclui bibliografia.

1. enunciado des/reterritorializado. 2. paradigma monolíngue. 3. concepção de  
língua. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO-GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM  
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 , - Boa Esperança - Cep: 78060900 -CUIABÁ/MT  
Tel : (65) 3615-8418 - Email : secretariameel@hotmail.com

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**TÍTULO: "Enunciados des/reterritorializados e a (des)legitimação do paradigma monolíngue"**

AUTORA: Alinee Silva dos Santos

Dissertação defendida e aprovada em 05 de dezembro de 2017.

Presidente da Banca / Orientador: Doutor Fernando Zolin Vesz  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador Interno: Doutor Marcelo de Jesus  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinadora Externa: Doutora Maria Tereza Nunes Marchesan  
Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Examinadora Suplente: Doutora Ana Carolina Vilela-Ardenghi  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

CUIABÁ, 05 de dezembro de 2017

*À minha mãe, pelo apoio ilimitado e  
pelo amor incondicional e incalculável.*

*Ao meu noivo, por manifestar o desejo de que  
compartamos la vida y de que  
siempre soñemos a la par.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por poder olhar para o céu e dizer “eu sei que, em tudo, eras tu”.

À minha mãe, que me amou e me ensinou antes de qualquer pessoa, que sempre foi um exemplo para mim e que nunca hesitou em fazer inúmeros sacrifícios pessoais para me apoiar e incentivar os meus projetos. Ao meu pai, por, ainda que discretamente, ter me apoiado ao longo dessa caminhada e por ter me proporcionado a possibilidade de viver a língua espanhola e de me apaixonar por ela. Ao meu noivo, que sempre considerou todos os meus sonhos como sendo os seus próprios e entendeu a minha ausência em vários momentos desse processo. À minha sobrinha Anna Victória, que, mesmo nos momentos mais estressantes desse caminho, sempre conseguia me fazer sorrir. Posso dizer que, definitivamente, nada disso teria sido possível sem vocês.

Aos meus professores da graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, Dra. Maria Rosa Petroni, Me. Ana Paula Souza e Dr. Roberto Boaventura, e da Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Dr. Dánie Marcelo e Dra. Divanize Carbonieri, que me ensinaram para a vida e que, ao longo da minha formação, despertaram em mim o desejo de querer ser como eles. Posso afirmar com certeza que ter sido aluna de profissionais competentes e entusiasmados contribuiu para a intensificação do meu desejo docente. À professora Dra. Maria Tereza Marchesan, pela leitura cuidadosa e pelos apontamentos pertinentes, e à minha amiga Sandra Leite, pelo companheirismo na aprendizagem e nas ideias.

E, em especial, ao meu orientador, Fernando Zolin Vesz, que sempre se mostrou disposto a compartilhar sua sabedoria, que demonstrou não ter medo de desafiar-me a reinventar-me, que sempre se mostrou atento, reflexivo e exigente em cada instante da construção desta pesquisa. Eu não consigo imaginar um orientador melhor.

## RESUMO

Nesta dissertação, busco identificar as territorialidades pelas quais transitam enunciados des/reterritorializados publicados pela mídia, com o intuito de analisar como, a um só tempo, deslegitimam e reafirmam valores de verdade em relação ao paradigma monolíngue. Na pesquisa, de abordagem qualitativa e documental (RAMALHO; RESENDE, 2011), entendem-se as propagandas como textos midiáticos, portanto, materiais de pesquisa de natureza formal cujos sentidos se manifestam de acordo com a visão do pesquisador. Tais propagandas constituem um *corpus* principal composto por nove enunciados, retirados da página do Facebook do El Pancho, um restaurante de comida traduzida como mexicana, que são entendidos como um arquivo de enunciados des/reterritorializados. O referencial teórico está dividido em três partes: os pilares do paradigma monolíngue e seus efeitos (CANAGARAJAH, 2013; MIGNOLO, 2003), associados às noções de falante nativo e não nativo (FIGUEREDO, 2011) e de território, Estado-Nação, língua nacional e estranho/estrangeiro (ALBUQUERQUE JR., 2012; CANAGARAJAH, 2013; ZOLIN-VESZ, 2015; BAUMAN, 2016, 2017); os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos na área dos estudos da linguagem (MIGNOLO, 2003) e na área da linguística aplicada (JACQUEMET, 2005, 2016; COX E ASSIS-PETERSON, 2006; ASSIS-PETERSON, 2008; CANAGARAJAH, 2013) com a intenção de problematizar o paradigma monolíngue; e a contribuição do conceito de enunciado des/reterritorializado (ZOLIN-VESZ, 2016) para a discussão em relação ao monolingüismo. As perguntas que nortearam a pesquisa foram: 1) Quais são as territorialidades pelas quais transitam os enunciados des/reterritorializados aqui analisados? e 2) Quais valores de verdade, em relação ao paradigma monolíngue, são deslegitimados e quais são legitimados? Com os resultados obtidos, conclui-se que, embora o paradigma monolíngue tenha engessado a língua e a confinado a territórios específicos, as configurações do mundo contemporâneo oportunizam a criação de enunciados des/reterritorializados que desequilibram a estabilidade dos valores de verdade atrelados à orientação monolíngue. Em contrapartida, ao mesmo tempo em que esses enunciados des/reterritorializados desestabilizam tais valores, parecem demonstrar que ainda se conserva em nossa concepção de língua a equivalência “natural” entre território e língua, o que pode ser percebido por meio da inclusão do espanhol em propagandas de um restaurante de comida traduzida como mexicana.

**Palavras-chave:** enunciado des/reterritorializado; paradigma monolíngue; concepção de língua.

## ABSTRACT

This dissertation seeks to identify the territorialities in which de/(re)territorialized statements published by the media transit. The purpose is analyzing how those statements, at the same time, delegitimize and reaffirm values of truth in relation to the monolingual paradigm. The research, a qualitative approach and documentary orientation (RAMALHO; RESENDE, 2011), sees the advertisements as media texts, therefore, formal research materials that we can apprehend meanings that manifest themselves according to the view of the researcher. In addition, those advertisements are a main *corpus* composed of nine statements, taken from the Facebook page of *El Pancho*, a translated Mexican food restaurant, which are understood as a file of de/(re)territorialized statements. The theoretical framework is divided into three parts: (1) the pillars of the monolingual paradigm and its effects (CANAGARAJAH, 2013; MIGNOLO, 2003), associated with the notions of native and non-native speaker (FIGUEREDO, 2011) and territory, the Nation-State, national language and stranger/foreigner (ALBUQUERQUE JR., 2012; CANAGARAJAH, 2013; ZOLIN-VESZ, 2015; BAUMAN, 2016, 2017); (2) research that have been conducted in the area of language studies (MIGNOLO, 2003) and applied linguistics (JACQUEMET, 2005, 2016; Cox-PETERSON, 2006; ASSISI-PETERSON, 2008; CANAGARAJAH, 2013) with the intention of discussing the monolingual paradigm; and (3) the contribution of the concept of de/(re)territorialized statement (ZOLIN-VESZ, 2016) in order to discuss the monolingual paradigm. The questions that guided the research were: 1) What are the territorialities which carried over the listed de/(re)territorialized statements in this research?, and 2) Which values of truth, in relation to the monolingual paradigm, are legitimate and which ones are not? The results of this research suggest that, although the monolingual paradigm has plastered the concept of language and confined it to specific territories, the setting of the contemporary world create opportunities to the uprising of de/(re)territorialized statements that unbalance the stability of values of truth tied to the monolingual orientation. However, at the same time that de/(re)territorialized statements destabilize those values, they seem to demonstrate that a “natural” equivalence between territory and language still remains in our conception of language. This can be perceived through the inclusion of the Spanish language in advertisements of a restaurant that offer a specific kind of food translated as Mexican.

**Keywords:** de/(re)territorialized statements; monolingual paradigm; conception of language.



## RESUMENO<sup>1</sup>

Esta dissertación busca identificar las territorialidades pelas cuales transitan enunciados des/reterritorializados publicados por la mídia com lo intuito de analizar como esses enunciados, a um mismo tiempo, deslegitiman e reafirman valores de verdad em relación a lo paradigma monolíngue. La pesquisa, de abordajen cualitativa e documental, (RAMALHO; RESENDE, 2011), entende las propagandas como textos midiáticos, por lo tanto, materiales de pesquisas de naturaleza formal que depreenden sentidos que se manifiestan de acordo com la visión de lo pesquisador. Además, essas propagandas constituen um corpus principal compuesto por nove enunciados, retirados de la página de lo Facebook de lo El Pancho, um restaurante de comida traducida como mejicana, que son entendidos como um archivo de enunciados des/reterritorializados. Lo referencial teórico está dividido em três partes: los pilares de lo paradigma monolíngue y sus efectos (CANAGARAJAH, 2013; MIGNOLO, 2003), asociado a las nociones de hablante nactivo e no nactivo (FIGUEREDO, 2011) e de território, Estado-Nación, lengua nacional y extraño/estranjero (ALBUQUERQUE JR., 2012; CANAGARAJAH, 2013; ZOLIN-VESZ, 2015; BAUMAN, 2016, 2017); los trabajos que vem siendo desenvolvidos em la área de los estúdios de la lenguaje (MIGNOLO, 2003) e em la área de la lingüística aplicada (JACQUEMET, 2005, 2016; COX E ASSIS-PETERSON, 2006; ASSIS-PETERSON, 2008; CANAGARAJAH, 2013) com la intención de problematizar o paradigma monolíngue; y la contribución de lo concepto de enunciado des/reterritorializado (ZOLIN-VESZ, 2016) para la discusión em relación a lo monolingüismo. Las preguntas que nortearan essa pesquisa fueran 1) Quales son las territorialidades por las cuales transitan los enunciados des/reterritorializados aqui analizados? e 2) Quales valores de verdad, em relacion a lo paradigma monolíngue, son deslegitimados e quales son legitimados? Los resultados desta pesquisa sugeren que, embora lo paradigma tenha engessado la lengua e la confinado a territorios específicos, las configuraciones de lo mundo contemporáneo oportunizan la criación de enunciados des/reterritorializados que desequilibran la estabilidad de los valores de verdade atrelados à orientación monolíngue. En contrapartida, a lo mismo tempo em que esses enunciados des/reterritorializados desestabilizam esses valores, parecen demostrar que ainda se conserva em nuestra concepción de lengua la equivalência “natural” entre território y lengua, lo que se ouede ser percebido por médio de la inclusión de lo español em propagandas de um restaurante de comida traducida como mejicana.

**Palabras-chave: enunciado des/reterritorializado; paradigma monolíngue; concepción de lengua.**

---

<sup>1</sup> Procurando seguir una linha mais des/reterritorializada, justamente pela perspectiva teórica adotada nesta dissertação, me aventurarei com a possibilidade da convivência entre as línguas e incluiré trechos des/reterritorializados, tampouco traduziré algunas citações que tenham sido escritas em outras línguas que não seja a portuguesa.

## SUMÁRIO

LO COMEÇO DE TODO.....	11
Organização da dissertação.....	22
1. LAREFERENCIAL TEÓRICO.....	24
1.1 Os pilares do paradigma monolíngue e seus efeitos .....	24
1.2 Bilinguajamento, transidioma, transglossia e práticas translíngues.....	32
1.3 O conceito de enunciado des/reterritorializado.....	39
2. LO REFERENCIAL Y LAS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
2.1 A pesquisa qualitativa e documental.....	43
2.2 O conceito de arquivo.....	44
2.3 Procedimentos metodológicos.....	45
Lista de enunciados des/reterritorializados.....	47
3. DESCRICIÓN E DISCUSSION DOS DADOS - PARA PIRAR EL CABECIÓN....	49
3.1 Venha para el lugar más caliente da cidade.....	49
3.2 Diversión usted encontra só aquí.....	52
3.3 Eai? Que tal una cerveza pra dar uma refrescada?.....	55
3.4 El cultura de la México pertinho de usted.....	58
3.5 Pista caliente – Vem dançar no El Pancho.....	61
3.6 Tá quente, né hermano? Vem beber uma cerveza gelada pra refrescar!.....	63
3.7 Estamos fechado para descanso. Amanhã voltamos com muy animación....	67
3.8 La noche mais animada de Cuiabá.....	69
3.9 Estás prontos para pirar el cabeción, com o mejor tequileiro del mundo??..	71
LAS CONSIDERACIONES FINAIS, MAS NO UM ADIÓS – UM HASTA LUEGO.....	75
LOS REFERENCIAIS.....	80
ANEXOS.....	82

## LO COMEÇO DE TODO

“Estamos fechado para descanso. Amanhã voltamos com muy animación”. Essa era a frase de um anúncio com o qual me deparei um dia. A propaganda (v. anexo 1) estava associada a uma página do Facebook de um restaurante de comida traduzida como mexicana<sup>2</sup>, o El Pancho, em Cuiabá. Contudo, o que realmente me chamou a atenção foi um comentário deixado na imagem (v. anexo 2). Nele, o suposto responsável pelo perfil do qual vinha o comentário colocava o muy entre aspas seguido da palavra animación e de algumas letras em maiúsculas sugerindo um riso descontrolado ou um certo tipo de confusão com a construção. É como se o que a pessoa considerasse como espanhol estivesse sendo deturpado e isso não devesse ser entendido como comum ou ser interpretado como uma criação proposital, mas deveria ser recebido como algo estranho, diferente, que incomoda, que desfigura o modo de vida e o entendimento confortavelmente convencional que se tem em relação à língua.

Ao explorar essa situação, percebi que aquele enunciado era nada mais do que uma demonstração de circunstâncias que o mundo contemporâneo está enfrentando, como a convivência e interação em/entre várias áreas. Para a sociedade, não é incomum vestir roupas confeccionadas na Índia ou na Tailândia, nem usar algum aparelho celular fabricado na Coreia do Sul, com bateria produzida na Malásia e montado no Vietnã, tampouco andar em um carro de fabricação europeia, ouvindo um reggaeton que foi gravado em Miami e fazer uma parada em um China in Box para comer um temaki com cebolinha e cream cheese. Isso costuma ser encarado com normalidade e como objetos e situações que podem fazer parte do cotidiano de muitas pessoas. Se tamanha convivência e interação é vista com a maior naturalidade, por que o mesmo não acontece com as línguas? Com o comentário deixado no anúncio do restaurante El Pancho, nota-se que, quando relacionado à língua, o cenário é outro, pois tende a haver estranheza, desconforto e, na maior parte dos casos, rejeição. Afinal, trata-se de algo estranho, incomum, diferente.

---

<sup>2</sup>A opção pelo emprego do termo “traduzido” está baseada no entendimento do conceito de tradução cultural de Bhabha (2003 apud RIBEIRO, 2016, p. 77), o que pode ser percebido da seguinte maneira: “A tradução é a ressignificação de símbolos e/ou significados, praticada por homens e mulheres no espaço intersticial, criado no encontro entre culturas, entre local e global, entre passado e presente [...]. Desse modo, a tradução cultural não é mera apropriação de aspectos de certa cultura, mas um processo que permite às pessoas avaliarem suas referências, significados, normas e valores [...]”.

O rechaço quanto à convivência entre línguas se produz, a meu ver, por um fator determinado, a inflexível concepção de que as línguas são separadas por uma gramática específica e que não podem se misturar, pois, caso haja a mistura, a língua seria considerada como adulterada, descaracterizada e, conseqüentemente, a “língua original” se veria ameaçada.

Sob essa perspectiva, vale ressaltar que não é recente a discussão a respeito de como o paradigma monolíngue tem construído a nossa concepção de língua. Mas, tão engessados estamos nesse paradigma, na noção de que existe uma língua (nacional) – que é própria de um território e de uma comunidade, marcando sua identidade, que é regida por uma gramática normativa “pura”, separada de outras línguas – que qualquer manifestação contrária a essa concepção é vista como estranha/estrangeira e, desse modo, em muitos casos, é apresentada como uma ameaça à língua. Esse debate é sugerido em autores como Faraco (2007), Grigoletto (2012) e Baronas e Cox (2013) que, já há algum tempo, analisaram suas implicações na visão de língua da sociedade, partindo de episódios que alcançaram grande repercussão midiática.

O caso trabalhado por Faraco (2007) envolve a proposição do projeto de lei n. 1676/99, de autoria do então deputado Aldo Rebelo, que propiciou uma grande repercussão nacional no que concerne à concepção monocêntrica de língua; além disso, gerou muita polêmica em 1999 e nos anos posteriores. O referido projeto declara, em seu artigo 4º, como lesivo ao patrimônio cultural brasileiro “todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira” (FARACO, 2007, p. 179). Ademais, no artigo 5º, determina que “toda e qualquer expressão em língua estrangeira posta em uso no território nacional terá que ser substituída por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa no prazo de 90 (noventa) dias” (FARACO, 2007, p. 179-180). Apesar de ser possível notar, no mesmo projeto de lei, algumas outras proposições relacionadas ao ensino da língua portuguesa, percebe-se que o foco da medida era a proibição dos estrangeirismos (FARACO, 2007, p. 10), ou, em outras palavras, tratava-se de uma reação à ameaça que a língua portuguesa vinha sofrendo.

Com a justificativa de que a “invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos” (FARACO, 2007, p. 181) descaracteriza a língua portuguesa, o autor do projeto tentava, de maneira legal, propor censura a um fenômeno que não pode ser impedido, pois, “[vivemos], gostando ou não, num planeta com fronteiras porosas e altamente difusas” (BAUMAN, 2017, p. 66); portanto, tentar impedir que expressões como a língua não ultrapassassem essas fronteiras é um esforço vão, até porque as portas

do mundo globalizado perderam as suas dobradiças, ou melhor, “foram quebradas, tornando-se assim inúteis” (BAUMAN, 2017, p. 65). O deputado ainda afirma, na justificativa do projeto de lei, que “um dos elementos mais marcantes da nossa identidade nacional reside justamente no fato de termos um imenso território com uma só língua” (FARACO, 2007, p. 181-182) e se se apoiam ou, pelo menos, se se aceitam as invasões de estrangeirismos no português, essa identidade nacional estaria “seriamente ameaçada” (FARACO, 2007, p. 182).

Com toda a polêmica gerada pelo projeto de lei, alguns nomes importantes dentro das discussões sobre língua no Brasil se posicionaram e comentaram sobre o projeto, como os filólogos Tarcísio Padilha e Evanildo Bechara, que condenaram o seu anacronismo e o consideraram inteiramente inócuo (FARACO, 2007). Além deles, o escritor Luís Fernando Veríssimo o considerou como improcedente e xenofóbico, e a escritora Lya Luft o qualificou de fascista, por interferir no modo de vida e nos direitos das pessoas. Até mesmo a Associação Brasileira de Linguística (Abralin) colocou-se à disposição do deputado e do Congresso Nacional para prestar assessoria ao projeto com a intenção de garantir a transparência no processo de definição de uma política linguística para o país, ademais de haver enviado uma série de documentos que tratavam da questão para o deputado, assim como fez a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (FARACO, 2007).

De maneira paralela às contestações, essa proposição permite trazer à baila o conceito de estrangeirismo, que, de acordo com Bauman (2017), remete aos “estranhos”, àqueles que “podem ser, devem ser, culpados por todas as dificuldades, incertezas e desorientações” que os seres humanos sentem (BAUMAN, 2017, p. 65). Sob essa mesma perspectiva, Bauman (2017) declara que tudo o que é estranho tende a causar ansiedade justamente por ser “diferente, imprevisível, ao contrário do que conhecemos e estamos acostumados a lidar” (BAUMAN, 2017, p. 13-14). Por não se saber o que esperar do estranho, costuma-se relacioná-lo à destruição das coisas que são apreciáveis por determinada comunidade, em cuja concepção a intenção do estranho é desfigurar ou abolir o modo de vida tido como confortavelmente convencional. Dessa mesma maneira, é entendido o estrangeirismo, como destruidor da língua e da gramática, como aquele que altera a nossa língua confortavelmente convencional. Além disso, como é algo estranho, alheio, que não se pode controlar, torna-se causa de ansiedade e medo e leva, conseqüentemente, ao seu rechaço ou à punição de seu uso. Em suma, o estrangeiro, o

estranho, ameaça seriamente a nossa identidade nacional, pois com ele vêm outra língua e outra cultura que não são aquelas determinadas pelo Estado-Nação.

De igual modo, mais recentemente, em 2011, o episódio das variedades linguísticas da língua portuguesa no livro didático *Por uma vida melhor*, distribuído pelo Ministério da Educação (MEC) aos alunos da Educação de Jovens e Adultos, também foi alvo de caloroso debate, tanto na mídia como entre os linguistas. Baronas e Cox (2013), ao tratarem desse assunto, alegam que toda a polêmica começou com o jornalista Alexandre Garcia que, no programa Bom Dia Brasil, da Rede Globo, sugeriu, de maneira oral e durante a programação, que o Ministério da Educação estaria fomentando o uso do português errado e que, na época em que ele estudava, a professora corrigia os alunos que falavam errado, preparando-os para vencer na vida, pois, de acordo com suas palavras, “a educação liberta e torna a vida melhor, nos livra da ignorância, que é a condenação à vida difícil. Quem for nivelado por baixo terá a vida nivelada por baixo” (BARONAS; COX, 2013, p. 66). Os autores transcrevem ainda, o comentário do jornalista que afirmou: “no Brasil, por medo de constranger o outro, passa-se a mão nos erros”, atitude que se reflete na língua quando “aprova-se a palavra errada para não constranger” o aluno (BARONAS; COX, 2013, p. 66).

Pode-se dizer que a fala do jornalista incitou a polêmica, fazendo com que viessem à tona discussões sobre a validade dos enunciados apresentados como possíveis. Esses enunciados, retirados do livro e expostos na mídia, faziam parte do primeiro capítulo do material distribuído pelo Ministério da Educação, que tem como título “Escrever é diferente de falar” e, especificamente, da seção “A concordância entre as palavras”, na qual a autora, “seguindo uma orientação sociolinguística, trata da concordância nominal e verbal como um fenômeno variável e não categórico, sem deixar, todavia, de explicitar o valor social da norma culta” (BARONAS; COX, 2013, p. 67). Percebe-se que é mostrada ao aluno a concordância na norma culta e, logo, é explicado a ele que, na norma popular, essa concordância acontece de maneira diferente.

Um dos trechos mais comentados foi o que declarava ser possível falar “os livro” em determinados contextos e em ocasiões sociais, mas que era necessário ficar atento porque, dependendo da situação, corre-se o risco de sofrer preconceito linguístico. Baronas e Cox (2013) anunciam que é “possível constatar que os enunciadores-autores do livro buscam ensinar a Norma Padrão do português como uma de suas muitas normas e não como a única”; ademais, “não se trata de comparar o ‘certo’ com o ‘errado’, mas sim diferentes normas” (BARONAS; COX, 2013, p. 68). Em contrapartida, os críticos do

livro, por terem outra concepção de língua, ainda mantêm intacta sua “ideologia purista, para a qual há apenas um português correto a ser conservado; o resto é caco, é lixo, é doença a ser curada pelos doutores da gramática que prescrevem, como antídoto, a Norma-Padrão, administrada em altas doses” (BARONAS; COX, 2013, p. 69).

Isso demonstra quão consolidada no paradigma monolíngue está a concepção de língua, uma vez que existem posicionamentos mostrando insatisfação em relação a manifestações diferentes do que se entende majoritariamente como língua, seja por meio da criação de um projeto de lei que as iniba – como foi proposto pelo deputado Aldo Rebelo, seja pela rejeição da exposição de novas possibilidades de se entender tais exteriorizações – como demonstrado pelo jornalista citado por Baronas e Cox (2013). Estabelecendo um paralelismo com Bauman (2017), é possível comentar que esses movimentos que visam limitar o uso das línguas parecem constituir reações à fraqueza e ao medo do estranho/estrangeiro, pois ele “lembra a fragilidade e a deterioração de nossas próprias raízes” (BAUMAN, 2017, p. 65) e, como a língua é uma dessas raízes, é essencial que ela não seja mudada ou deturpada, nem que para isso seja necessário “erguer barricadas para manter a distância as forças do mundo moderno” e garantir a defesa “contra ameaças reais ou imaginárias” (BAUMAN, 2017, p. 64).

Grigoletto (2012), por sua vez, sugere que a postura demonstrada pelas mídias, e evidenciada na fala do jornalista citado por Baronas e Cox (2013), faz com que os linguistas defendam a “existência de variedades sociais de uma língua que não podem ser divididas entre certas e erradas” (GRIGOLETTO, 2012, p. 312). De igual modo, reconhece que essa perspectiva sustenta a existência de uma única forma correta da língua, designada como “língua nacional”, que, por sua vez, pode ser definida como a língua que caracteriza uma determinada sociedade, e à escola caberia ensinar apenas essa língua, a “língua de civilização” ou a “língua de cultura” (GRIGOLETTO, 2012, p. 312). Essa autora, sobre o episódio do livro didático, acrescenta ainda que se compartilha a visão de que a língua portuguesa gramatizada é uma unidade no Brasil, o que demonstra a persistência de um posicionamento pautado na ideia de que a língua é uma, única, imutável e invariável.

Essa discussão pode ser exemplificada também em outros contextos, como a sala de aula de língua espanhola em um contexto brasileiro, na qual, não raro, identifica-se um combate ao portunhol, nome dado à convivência entre a língua a ser aprendida, o espanhol, e a língua portuguesa. Percebe-se, na história do ensino de espanhol no Brasil, uma constante tentativa de estabelecer uma distinção entre o que é português e o que é

espanhol, tanto que o portunhol, “caracterizado como uma ‘mistura’ entre o português e o espanhol”, costuma ser “geralmente associado ao domínio insuficiente de um sujeito que se encontra em processo de aquisição da língua espanhola. Dessa forma, falar portunhol na sala de aula significaria ‘uma maneira errada’ ou ‘falar mal’ espanhol” (ZOLIN-VESZ, 2014, p. 322). Mais uma vez, com essa postura, é salientada a ideia de que as línguas são “como códigos autônomos que devem ser mantidos em paralelo e que, de preferência, nunca se tocam” (ZOLIN-VESZ, 2014, p. 324).

Ambos os episódios descritos, o do projeto de lei e o do livro didático, complementados com a exemplificação em relação ao portunhol em sala de aula, parecem evidenciar a manutenção do paradigma monolíngue nas discussões que envolvem a concepção de língua. Dito isso, vale ressaltar que esse paradigma monolíngue sugere, como apresentado por Mignolo (2003) e por Canagarajah (2013), escrever, pensar e falar em uma única língua controlada pela gramática normativa; portanto, qualquer demonstração que não se encaixa nessa regra é refutada por esse paradigma. Nesse sentido é que os estrangeirismos, ou qualquer outro posicionamento não monocêntrico, são refutados, são apresentados como estranhos, devendo, pois, ser rejeitados, além de serem considerados como uma séria ameaça à identidade nacional.

Outrossim, vale destacar que a identidade nacional é uma criação moderna, datada do século XIX, período que marca o momento de construção simbólica e discursiva da nacionalidade brasileira (ALBUQUERQUE JR, 2012). Esse século, de acordo com Albuquerque Jr. (2012), cunha o nascimento do Brasil não só enquanto Estado, mas como conjunto de sentidos, de símbolos, de eventos que vão ser usados para nos definir e nos dizer. Esse conjunto de elementos simbólicos e materiais provoca o que se conhece como identidade nacional. Uma das maneiras mais efetivas de se marcar essa identidade é definindo para ela uma língua oficial, a língua nacional. Para complementar a discussão, Canclini (2008), comenta que

possuir uma identidade equivalia a ser parte de uma nação [...], uma entidade espacialmente delimitada, onde tudo aquilo que era compartilhado por seus habitantes – língua, objetos, costumes – marcaria diferenças nítidas em relação aos demais. Essas referências identitárias, historicamente dinâmicas, foram embalsamadas num estágio ‘tradicional’ de seu desenvolvimento e declaradas essências da cultura nacional (CANCLINI, 2008, p. 45).

Com medo de que essa identidade e esse conjunto de símbolos que definem um povo, entre eles a língua, sejam destruídos, surge o movimento de nacionalismo, de



reafirmação da língua como nacional, como própria de um determinado território e de uma comunidade específica. Isso equivale a dizer que a reafirmação da língua nacional surge quando a sociedade começa a se contaminar com línguas e culturas do estranho/estrangeiro, isto é, como diria Bauman (2017), a ideia de nação, de nacionalismo aparece como garantia de manutenção da identidade nacional quando a sociedade começa a fracassar, quando começa a se contaminar. Por isso é que essas referências identitárias

ainda são exibidas em museus, transmitidas nas escolas e difundidas pelos meios de comunicação em massa, exaltadas em discursos religiosos e políticos e, quando cambaleiam, são muitas vezes defendidas por meio do autoritarismo militar (CANCLINI, 2008, p. 45).

A propósito dessa discussão sobre língua como um dos marcadores da identidade, Zolin-Vesz (2016) acrescenta que, ainda hoje, impera a concepção de que a língua nacional é “uma entidade, um sistema essencialmente fechado, autônomo e diferente de outras línguas, atrelado a um território geográfico específico, que possui uma língua comum, uma língua-padrão” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 218). É justamente essa ideia que remete à concepção de que língua nacional, por ser fechada, não pode sofrer influência de outras e nem ser associada a elas. A própria escola, como bem demonstrou o jornalista Alexandre Garcia, citado no trabalho de Baronas e Cox (2013), em conjunto com os meios de comunicação de massa, como assegurado por Canclini (2008), é uma das responsáveis pela manutenção desse pensamento de que a língua é única e que deve ser regida pela gramática<sup>3</sup>. Sendo assim, as outras manifestações, principalmente as que destoam do determinado pelas rígidas regras gramaticais, não devem ser incentivadas. Toda essa reafirmação em relação à língua nacional demonstra uma herança da ideia difundida pelo Estado-Nação e que, apesar de não poder mais impedir a importação de características dos estranhos/estrangeiros, continua a ser defendida e apregoada.

Em consonância com essa discussão, a relação entre língua nacional e Estado-Nação já foi trabalhada por autores como Mignolo (2003), Albuquerque Jr. (2012) e Bauman (2016), entre outros. Ante tudo, Albuquerque Jr. (2012) observa que os Estados Nacionais e as nações nem sempre existiram e os que se conhecem hoje são uma criação

---

<sup>3</sup> A minha intenção, em nenhum momento deste trabalho, é insinuar que a escola não deva ensinar a gramática normativa e que a língua não deva ser regida por uma gramática. O posicionamento que expressei é o de que, na maior parte das vezes, as instituições de ensino ensinam tal gramática como a única possibilidade de construção dentro da língua, o que não corresponde às práticas linguísticas contemporâneas e o que questiono nesta dissertação.

recente, surgida lentamente a partir do século XI. Segundo o autor, “o próprio conceito de nação foi profundamente alterado”, pois o que, anteriormente,

nomeava qualquer conjunto de pessoas que partilhavam costumes, crenças, hábitos e modos de viver como, por exemplo, a nação judaica, passou a designar [...] um conjunto de pessoas que vivem sob o mesmo governo, que obedecem a um mesmo Estado, que pertencem a um mesmo território sob a soberania de um dado regime político (ALBUQUERQUE JR., 2012, p. 19-20).

Como complemento, Mignolo (2003) esclarece que a ideia de língua nacional se constituiu a partir do pensamento de que havia a necessidade da formação e valorização de uma língua “pura”, sem interferências externas, o que contribuiria, pelo menos no que diz respeito ao aspecto linguístico, para a formação de uma literatura nacional, e, conseqüentemente, uma cultura nacional. Isso se evidenciava em comunidades detentoras de uma língua que contribuía para a formação dessa cultura, pois eram consideradas homogêneas (MIGNOLO, 2003).

Com o fim da descentralização do poder político que vigorara durante a Idade Média, surge o fenômeno dos Estados Nacionais, marcando uma nova etapa na maneira como os seres humanos passam a se organizar dali em diante. Desse modo, não apenas a política passa a ser estruturada de maneira diferente, como também os grupos humanos passam a aderir a novas formas de rivalidade. Ademais, as antigas nações, antes definidas mediante critérios como o uso da mesma língua, o pertencimento a uma mesma etnia e o uso de um território comum, passam a ser agora definidas a partir de um critério político. Isso significa que, para ser nação, torna-se necessário ter uma organização política, um Estado próprio, ou seja, para cada nação, um Estado. Foi exatamente isso o que se convencionou chamar de princípio das nacionalidades, de acordo com Albuquerque Jr. (2012), decisão essencial para o estabelecimento e definição de língua nacional.

Por outro lado, é possível admitir que o paradigma monolíngue – intimamente ligado ao conceito de Estado-Nação – não corresponde às práticas linguísticas de forma geral, porque, de acordo com Bauman (2016), os Estados-Nação não são capazes de lidar com os desafios transfronteiriços que o mundo oferece, pois, por sua natureza, são demasiados propensos à rivalidade e à exclusão recíproca, atitudes que o mundo globalizado contemporâneo tende a rejeitar, uma vez que tem como bandeira a convivência e a inclusão, apesar das diferenças. Um desses desafios transfronteiriços com os quais os Estados-Nação não são mais capazes de lidar é a convivência de várias línguas em um determinado limite territorial, ou até mesmo a interferência de umas nas outras.

Isso ocorre porque o mundo globalizado está excedendo o nacionalismo pregado pelos Estados-Nação, fato que se reflete no uso da língua nos mais variados contextos.

O mesmo está acontecendo em relação à identidade, pois a transnacionalização da economia e da cultura tornou frágil a sua territorialização. Desse modo, torna-se cada vez mais improvável a afirmação de que certas identidades pertencem a um determinado território e definem um povo específico, principalmente se estiver relacionada às línguas (-nacionais) ou às práticas linguísticas dentro do território tido como um dos reafirmadores dessa identidade, improbabilidade marcada

pelos fluxos econômicos e comunicacionais, pelos deslocamentos de imigrantes, exilados e turistas, bem como [...] pelos repertórios de imagens e informação distribuídos por todo o planeta por jornais e revistas, redes de televisão e internet (CANCLINI, 2008, p. 45).

Parafraseando Canclini (2008), nas interações transnacionais – ou transfronteiriças –, um mesmo indivíduo pode identificar-se com várias línguas e territórios e conviver entre eles. Isso leva à argumentação de que mais do que em identidade, pensa-se em um espaço des/reterritorializado, tanto no que se refere à identidade quanto à língua.

Pesquisas na área dos estudos da linguagem, como Mignolo (2003), com a noção de bilinguajamento, e na linguística aplicada, com Assis-Peterson e Cox (2006) e Assis-Peterson (2008), com as pesquisas sobre a concepção de transglossia, Canagarajah (2013), com a proposição de uma escrita pluralizada, Jacquemet (2005; 2016), com o transidioma, e Lucena e Nascimento (2016), com a perspectiva de práticas (trans)comunicativas, também têm buscado compreender o fenômeno da convivência entre as línguas em certos limites territoriais, justamente pelos desafios transfronteiriços apresentados pelo mundo globalizado. No entanto, neste trabalho, a análise se concentrará nos estudos sobre os valores de verdade de enunciados relacionados a determinadas territorialidades.

Além das propostas anteriores, Zolin-Vesz (2016), com maior ênfase, chama a atenção para os efeitos do paradigma monolíngue no modo como as línguas são concebidas. O autor denomina enunciados des/reterritorializados as

construções (linguístico-culturais) que sugerem transitoriedade múltipla e maior por territorialidades, estimulando desestabilizações em relação ao sentido e ao valor de verdade que compõem determinadas territorialidades (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 219).

Além disso, acredita que analisar esses enunciados pode contribuir

para tornar movediças territorialidades monocêntricas que compõem o sentido e o valor de verdade relacionados ao paradigma monolíngue, aludindo tanto à relação língua (nacional)-território quanto à gramática normativa como única prática linguística legítima (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 220).

Essa concepção permite que

para além de um sistema fechado, autônomo e diferente de outras línguas, atrelado a um território geográfico específico, língua passe a ser entendida sob a égide da multiplicidade de territorialidades pelas quais transitamos, constituindo, a todo instante, des/reterritorializações (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 220).

Essa abordagem é interessante, pois propicia o entendimento de que este trabalho está produzido a partir da postura do falante não nativo da língua espanhola, que também tem a possibilidade de manipular, modificar e “deturpar” essa língua como quiser, com a intenção de criar sentido, que, neste caso, é divulgar um restaurante e os produtos e serviços oferecidos por ele. Dessa maneira, ressalto que não tenho como propósito analisar “erros” gramaticais cometidos por falantes não nativos na construção do enunciado.

Da mesma maneira, não busco analisar se os enunciados des/reterritorializados que compõem este trabalho estão “corretos” gramaticalmente, até porque “amarrar” a língua e esta discussão a aspectos gramaticais seria reforçar, na minha pesquisa, os preceitos do monolinguismo, atitude que iria em direção contrária ao propósito deste trabalho, que não é analisar a gramática dos enunciados des/reterritorializados, mas investigar não somente os possíveis motivos que contribuíram para a sua criação, como também o seu papel para a legitimação e/ou deslegitimação dos valores de verdade relacionados à orientação monolíngue.

Outrossim, em vez de propor um questionamento acerca de a que língua pertencem esses enunciados, a ideia é entender os enunciados des/reterritorializados aqui trabalhados como construções linguístico-culturais que caminham para a construção de sentidos nos quais o usuário estaria “assumindo novas posições, incorporando valores novos e ajustando sua identidade de usuário de línguas conforme os vários usos e línguas de que dispõe” (ZOLIN-VESZ, 2014, p. 328). Como reitera o autor, isso poderia ser entendido como “um mundo cujas fronteiras entre as línguas se tornam cada vez mais

porosas e fluidas” (ZOLIN-VESZ, 2014, p. 328), apesar da manutenção de posturas que sugerem a permanência da orientação monolíngue na concepção de língua.

Portanto, baseada na perspectiva de que, no mundo contemporâneo, a concepção de língua já pode ser entendida sob a égide da multiplicidade de territorialidades pelas quais transitamos– mas, ainda assim, apresenta resistência quando associada às amarras da língua nacional, conforme entendida pelo conceito de Estado-Nação e sua demarcação geográfica de território – nesta dissertação,tenho como intuito geral analisar enunciados des/reterritorializados em anúncios publicados pela mídia, com a intenção de discutir como esses enunciados, a um só tempo, deslegitimam e legitimam valores de verdade em relação ao paradigma monolíngue.

Para isso, utilizarei o conceito de enunciado des/reterritorializado, conforme apregoadado por Zolin-Vesz (2016),para alcançar os objetivos desta pesquisa, que se estendem em dois:

- 1) Identificar as territorialidades pelas quais transitam os enunciados des/reterritorializados aqui analisados.
- 2) Analisar como esses enunciados deslegitimam e legitimam, a um só tempo, determinados valores de verdade em relação ao paradigma monolíngue.

Esses objetivos se desdobram nas seguintes perguntas de pesquisa:

- ❖ Quais são as territorialidades pelas quais transitam os enunciados des/reterritorializados aqui analisados?
- ❖ Quais valores de verdade, em relação ao paradigma monolíngue, são deslegitimados e quais são legitimados?

Para a geração de dados, foi construído um arquivo de enunciados des/reterritorializados a partir de algumas propagandas divulgadas por um restaurante mexicano, situado na cidade de Cuiabá-MT, que privilegiam a produção de enunciados que contenham elementos linguísticos relacionados à língua portuguesa e à língua

espanhola. A partir delas, foram selecionados nove enunciados des/reterritorializados que contribuíam para os objetivos desta pesquisa.

É preciso vincar, ademais, que, neste trabalho, como paradigma de investigação, lança-se mão da pesquisa qualitativa, que consiste em vários “tipos de práticas interpretativas que permitem transformar aspectos do mundo em representações por meio das quais podemos entendê-los, descrevê-los e interpretá-los” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 74). Também será considerada a pesquisa documental (RAMALHO; RESENDE, 2011).

Em especial, nesta pesquisa, serão analisados enunciados que foram criados e divulgados como peças publicitárias. Sendo assim, a partir do enfoque de que enunciados des/reterritorializados, entendidos como construções que apontam uma transitividade maior entre as territorialidades pelas quais transitamos, são criados e são divulgados como peças publicitárias, defendo, nesta pesquisa, a ideia de que ocorre, a um só tempo, a deterioração e a reafirmação dos sentidos e dos valores de verdade relacionados ao paradigma monolíngue.

## **Organização da dissertação**

Esta introdução teve a intenção de apresentar a justificativa e os objetivos desta pesquisa. Ademais, demonstrou, resumidamente, o referencial e os procedimentos metodológicos utilizados para a construção deste trabalho, uma vez que eles serão detalhados no capítulo dois, reservado especificamente para isso. Além da introdução, esta dissertação compõe-se de três capítulos e as considerações finais.

O primeiro capítulo, intitulado de La Referencial Teórico, divide-se em três partes. Primeiro, proponho-me a discorrer sobre os pilares do paradigma monolíngue e seus efeitos, principalmente no que se refere aos estudos de Mignolo (2003), Figueredo (2011), Albuquerque Jr. (2012), Canagarajah (2013), Zolin-Vesz (2015; 2016) e Bauman (2016; 2017). Em seguida, dirijo-me a pesquisas na área dos estudos linguísticos, com o conceito de bilinguajamento, trabalhado por Mignolo (2003), e na área da linguística aplicada, com a elucidação dos conceitos de transidioma, difundido por Jacquemet (2005; 2016), de transglossia, propagado por Cox e Assis-Peterson (2006) e por Assis-Peterson (2008), e de práticas translíngues, apresentado por Canagarajah (2013), que têm se dedicado a problematizar o paradigma monolíngue. Por último, apoiando-me em Zolin-Vesz (2016), expando a discussão em torno do conceito de enunciado des/reterritorializado. O objetivo

desse capítulo é procurar entender como essa discussão condiciona a nossa concepção de língua e a nossa postura em relação a manifestações que destoam dela.

No capítulo dois, que tem como título *Lo Referencial y las Procedimientos Metodológicos*, apresento o referencial metodológico usado para a construção deste trabalho, além de abordar, de maneira detalhada, os conceitos de pesquisa qualitativa e de pesquisa documental, conforme Ramalho e Resende (2011), e a construção de um arquivo de enunciados des/reterritorializados, tendo como base os estudos de Foucault (2008) em relação ao arquivo, apresentando, também, os critérios utilizados para a geração e a análise dos dados. Por fim, exponho a lista de enunciados que compõem esta dissertação.

*Descripción e Discussión dos Dados – Para Pirar el Cabeción*, constitui-se no terceiro capítulo deste trabalho. Mediante a descrição de cada enunciado, apresento a análise do arquivo de enunciados des/reterritorializados e os efeitos de sentido que cada um deles produz, podendo manifestar-se como desestabilizador e/ou reafirmador do paradigma monolíngue.

Por último, em *Las Consideraciones Finais, Mas No Um Adiós – Um Hasta Luego*, apresento os resultados e as limitações da análise desenvolvida. Esses resultados sugerem que a concepção de língua baseada no paradigma monolíngue começa a desestabilizar-se e seus valores de verdade começam a ser questionados. No entanto, os resultados desta pesquisa apontam para uma permanência do monolingüismo no que se refere à concepção de língua, uma vez que, embora a concepção monolíngue comece a sofrer desequilíbrios, valores de verdade do paradigma monolíngue ainda persistem e demonstram estabilidade, até mesmo em enunciados que sugerem a sua desestabilização.

## **CAPÍTULO 1**

### **LA REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste capítulo, apresento os referenciais teóricos relativos aos pilares do paradigma monolíngue e seus efeitos, sob a luz dos estudos de Canagarajah (2013) e de Mignolo (2003), e utilizo os estudos de Figueredo (2011) para tratar da relação entre falante nativo e não nativo. Depois, para auxiliar na discussão sobre território, Estado-Nação, língua nacional e estranho/estrangeiro, baseio-me nos estudos de Albuquerque Jr. (2012), também nos de Canagarajah (2013), Zolin-Vesz (2015) e Bauman (2016; 2017).

Logo mais, estendo a discussão a pesquisas na área dos estudos da linguagem, com a explicação do conceito de bilinguajamento, cunhado por Mignolo (2003), e a pesquisas na área da linguística aplicada, com o esclarecimento de noções como a de transidioma, difundida por Jacquemet (2005; 2016), a de transglossia, propagada por Cox e Assis-Peterson (2006) e Assis-Peterson (2008) e a de práticas translíngues, apresentada por Canagarajah (2013), autores que têm problematizado o paradigma monolíngue. Por fim, recorro ao conceito de enunciado des/reterritorializado, de Zolin-Vesz (2016), com a intenção de analisar como esse conceito contribui para problematizar o paradigma monolíngue.

### **1.1 Os pilares do paradigma monolíngue e seus efeitos**

Para que a compreensão sobre os efeitos do paradigma monolíngue na concepção de línguas seja efetivada, é recomendável conhecer os motivos que o originaram e sua importância para determinadas reações frente às diversas manifestações linguísticas. Portanto, é pertinente salientar que foi sobre um conjunto de pressupostos inter-relacionados, solidificados na Europa Ocidental por volta do século XVIII, que o paradigma monolíngue, tal como é entendido hoje, começou a ser desenhado. Esses pressupostos, de acordo com Canagarajah (2013), são valores pregados pelo Iluminismo, como a ascensão da ciência empírica, a industrialização e a burocracia. A orientação monolíngue, conforme esse autor, inicialmente chamada de “a western myth<sup>4</sup>” e “an occidental ambition”, ganhou adeptos porque aparentava promover eficiência, controle e transparência, características valorizadas pelos defensores desse movimento intelectual. Entre outros fatores que contribuíram para a formação da orientação monolíngue, estão o Romantismo e a concepção de Estado-Nação (CANAGARAJAH, 2013). O movimento romântico desempenha papel fundamental na criação do monolinguismo, porque os pensadores desse período foram os responsáveis por definir que a essência da comunidade estava na língua. Além disso, consideravam que “language embodied the innermost spirit, thought, and values of the community” (CANAGARAJAH, 2013, p. 20), e defendiam a ideia de que a língua e a comunidade estavam relacionadas a um lugar, estavam “enraizadas” nele, o que, conseqüentemente, contribuía para que elas fossem

---

<sup>4</sup> As aspas, neste trabalho, não estão sendo usadas para destacar que se trata de elementos linguísticos que não fazem parte da língua portuguesa, mas para evidenciar que se trata de uma citação.



territorializadas nesse determinado lugar, rotulando como estranho/estrangeiro tudo o que não fosse a ele relacionado.

A partir da concepção de equivalência entre língua, território e comunidade, foi criada a chamada tríade herderiana, difundida principalmente pelo filósofo alemão Johann Gottfried von Herder, cujos escritos influenciaram, entre outras coisas, a manifestação do Romantismo alemão. A tríade herderiana tem fundamental importância para a compreensão do paradigma monolíngue, pois consolidou a ideia de que cada língua deveria ser entendida como única e separada, independente de outras. Além disso, defendia a ideia de que as línguas refletiam o espírito e a essência da comunidade particular com a qual estavam relacionadas, sendo, assim, as únicas capazes de “naturally expressing only the values and thoughts belonging to that community” (CANAGARAJAH, 2013, p. 20). Consequentemente, considera-se que elas não podem expressar o espírito de outra comunidade ou tornar-se parte dela, confirmando a afirmação de Bauman (2017) de que existe a tendência de se viver em um mundo claramente separado entre “nós” e “eles”, entre estranhos/estrangeiros e nativos/nacionais, e a língua, para a tríade herderiana, era uma das encarregadas de estabelecer essa distinção.

Sob essa perspectiva, segundo Canagarajah (2013), a tríade herderiana trouxe a ideia de que a comunidade é a dona da língua; sendo assim, os não pertencentes a essa comunidade, e que utilizam a língua própria desse grupo, são apenas usuários ilegítimos, não capazes de expressar os pensamentos e os valores de sua vida em comunidade na língua que não lhes é própria. Por esse motivo, os falantes nativos são idealizados e glorificados, uma vez que são os “donos” da língua, o que os coloca, de maneira automática, como superiores em relação ao falante não nativo e torna este usuário ilegítimo dependente das normas e regras impostas pelos falantes originais. Paralelamente, a tríade herderiana relaciona essa concepção à questão identitária, que define uma pessoa como nativa em uma única língua, pois há uma única língua pertencente a uma única comunidade de fala, definindo a identidade dessa pessoa e classificando-a em um determinado lugar e comunidade. Por exemplo, se o indivíduo nasceu naquela comunidade, sua identidade será a pregada pela comunidade, pois ele pertence a ela, e a língua dessa comunidade será a língua do indivíduo. É exatamente esse “pertencimento” a essa comunidade e a esse lugar que dá autoridade à pessoa, como falante nativo, de definir como a língua será usada (CANAGARAJAH, 2013).

Canagarajah (2013) acrescenta, além disso, que a conexão entre esses elementos – língua, comunidade, lugar e identidade – é circular e se autoperpetua: a língua identifica

as pessoas e o lugar e o lugar e as pessoas identificam a língua. Por ser assim, o falante nativo tem legitimidade em relação ao uso da língua e autoridade para definir como essa língua será usada, o que, conseqüentemente, caracteriza-o como intruso, incompetente, inautêntico e ilegítimo em outra língua.

Em contrapartida à ideia de que o falante nativo possui autoridade sobre a língua e que a comunidade é sua dona, encontram-se autores como Figueredo (2011), que denomina essa percepção como “mito da natividade” (p. 69) e considera “falácia” (p. 68) cogitar que em uma comunidade linguística todos os falantes possuam um mesmo nível de competência comunicativa – que, para autora, é “o conhecimento dos traços sociais, funcionais, afetivos e contextuais da língua” (FIGUEREDO, 2011, p. 68) – na língua que falam. Ademais, ela caracteriza como ingenuidade desconsiderar que cada falante possui fluências únicas em algumas áreas e ignorar as mudanças e adaptações que a língua sofre com cada usuário e com os grupos sociais a que pertencem que também influenciam o uso da língua. Figueredo (2011, p. 69) conclui que “por tais razões, nenhum falante, por mais educado e intelectualizado que seja, possui condições de dominar totalmente um sistema linguístico e a amplitude de seu uso pela sociedade”. Tal pensamento vai de encontro ao posicionamento sustentado pela tríade herderiana de que o falante nativo é quem decide como a língua deverá ser usada e, por isso, tem autoridade para modificá-la.

Outra das características defendidas pela tríade herderiana, movimento muito importante para a consolidação do paradigma monolíngue, é a territorialização da língua, ou seja, sua restrição, sua limitação a um determinado território. A partir disso, entende-se que a língua que se move para outro lugar em um território estranho/estrangeiro não pode expressar o espírito dessa outra comunidade ou tornar-se parte desse lugar, pois, como defendido pela tríade herderiana, apenas a língua originária da comunidade pode expressar seu espírito. Canagarajah (2013) assegura ainda que essa ideologia tem implicações para a comunidade, pois a língua materna e o território fazem a comunidade homogênea e pura. Nesse sentido, se o indivíduo na comunidade for aberto a influências de fora, apresentar-se disponível para influências do estranho/estrangeiro, o pensamento construído limpa o que o espírito da comunidade não pode expressar melhor em outras línguas.

Com base nisso, e resumidamente, Canagarajah (2013) define a criação da orientação monolíngue a partir das seguintes ideias:

- Language = Community = Place.

- 1 language = 1 identity.
  - Language as a self-standing system.
  - Languages as pure and separated from each other.
  - The locus of language as cognition rather than social context, or mind than matter.
  - Communication as based on grammar rather than practice, and form isolated from its ecological embeddedness.
- (CANAGARAJAH, 2013, p. 20)

Dessa forma, evidencia-se que a noção de monolinguismo está intrinsecamente ligada às concepções de que em um determinado lugar só pode ser utilizada/falada/escrita uma língua específica, correspondente àquele território por determinação do Estado-Nação.

A partir dessa discussão, e contextualizando o paradigma monolíngue no campo da linguística, Mignolo (2003) o definiu como “o ato de falar, escrever e pensar *dentro* de uma única língua controlada pela gramática” (MIGNOLO, 2003, p. 343). De acordo com essa concepção, só é possível utilizar uma língua nas práticas comunicativas, e qualquer desvio dessa regra é considerado transgressão, erro, falha, inaptidão. Isso acontece porque a orientação monolíngue defende a estabilidade e a “pureza gramatical” da língua, sem interferência semântica nem gramatical de outros idiomas. Canagarajah (2013) completa que, dentro dessa perspectiva, o que deveria marcar diferenças e variações no uso de outras línguas é tratado como deficiência e evidente alienação.

A concepção de paradigma monolíngue, profundamente conectada à ideia defendida pela tríade herderiana, gerou vários efeitos que reverberam até a atualidade e condicionam, em grande parte, a concepção de língua que se reproduz tanto na mídia, como expressado na discussão sobre o uso de variantes linguísticas no livro *Por uma vida melhor*, disponibilizado pelo MEC, e que inspirou os trabalhos de Grigoletto (2012) e de Baronas e Cox (2013), quanto no Congresso Nacional, por exemplo, conforme apresentado por Faraco (2007) ao discutir o projeto de lei do deputado Aldo Rebelo que, resumidamente, objetiva a não utilização de estrangeirismos em território nacional. Dessa maneira, além do fato de o paradigma monolíngue contribuir para a manutenção da ideia de que a língua é única, fechada e que não deve receber quaisquer influências de outra língua, nem apresentar nenhuma característica que fuja do previsto na gramática normativa, outros efeitos desse paradigma devem ser estudados.

Um desses efeitos que merece destaque é a caracterização daquilo que não compartilha da identidade, não faz parte da comunidade e não fala a língua de determinado lugar como o estrangeiro, o estranho, o inimigo e, portanto, uma ameaça.

Esse ponto de vista comprova a afirmação de que, em relação às identidades dos grupos humanos, “a sensação de pertencimento a um grupo se dá, em grande medida, através da emulação, da disputa e competição com um outro, que aparece como o estranho, o estrangeiro, a ameaça, o perigo, o inimigo” (ALBUQUERQUE JR., 2012, p. 10) Trata-se, portanto, daquele que, segundo Bauman (2017), ameaça a nossa identidade nacional. Como toda ameaça deve ser estudada para que não se concretize a fatalidade que ela anuncia, o rechaço ao estranho/estrangeiro é evidenciado. Isso é percebido nos constantes textos xenofóbicos exibidos pela mídia, nos quais esse estrangeiro/estranho é apresentado como o responsável por todos os males da sociedade, que contribuem para a forja de movimentos identitários e étnicos com a intenção de “constituir reações à fraqueza e ao medo”, em uma movimentação que visa “erguer barricadas para manter a distância as forças do mundo moderno” (BAUMAN, 2017, p. 64).

Logo, com a enorme tendência ao rechaço do estranho/estrangeiro, remete-se a outro efeito do paradigma monolíngue, o preconceito quanto à origem geográfica. Sobre ele, Albuquerque Jr. (2012) sustenta que se trata

daquele que marca alguém simplesmente pelo fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade [...] de uma nação, de um país, considerado por outro ou outra [...] como sendo inferior, selvagem, atrasado [...] (ALBUQUERQUE JR., 2012, p. 11).

A partir da ideia de que o outro, que não faz parte daquela comunidade, não partilha daquela identidade e não fala aquela língua, é inferior, é um estrangeiro/estranho, é uma ameaça, é o “culpado por todas as dificuldades, incertezas e desorientações que nós sentimos” (BAUMAN, 2017, p. 65), instintivamente, busca-se distanciar-se dele ou, pelo menos, esforçar-se para que ele entenda que não faz parte do mesmo território daquele ao qual a pessoa que o rejeita pertence.

Para justificar essa rejeição, apoia-se no conceito de nacionalidade, de defesa da nação, e apresenta o estranho/estrangeiro como uma ameaça à identidade nacional. O problema é que “a ideia de nação, à medida que generaliza as pretensas características que teria um dado povo, é um alimento constante também para a construção de generalizações preconceituosas a respeito desse mesmo povo” (ALBUQUERQUE JR., 2012, p. 21-22). Além disso, esse problema se agrava justamente pelo fato de que “muitos dos preconceitos quanto à origem geográfica advieram do discurso nacionalista ou foram

uma forma de veicular o discurso da nacionalidade” (ALBUQUERQUE JR., 2012, p. 21).

Ainda segundo o autor,

muitos desses preconceitos foram produzidos em outro momento, em outro contexto histórico, motivados por situações diferentes das de hoje, mas que, no entanto, continuam se repetindo e opiniões, imagens e estereótipos, que não sabemos direito de onde vêm e, o pior, muitas vezes achando que aquilo que dizemos é uma realidade incontestável, naturalizando assim o que não é natural (ALBUQUERQUE JR, 2012, p. 19).

Em relação a isso, Bauman (2017) destaca que, em sociedades urbanizadas, sempre se encontrarão estranhos, sempre estarão presente “homens e mulheres desarraigados que nos relembram a fragilidade ou a deterioração das nossas raízes familiares” (BAUMAN, 2017, p. 65). É precisamente essa presença que motiva o surgimento da percepção de que os “desarraigados”, os sem raiz, os não fixos apresentam-se como uma ameaça à estabilidade nacional; por isso, o sentimento de nacionalidade ressurge e o rechaço a esse sem raiz é realçado, pois tudo o que deteriora, corrompe, corrói é prejudicial e deve ser banido. Isso confirma um dos efeitos do paradigma monolíngue e reafirma a concepção de território vinculada à ideia de Estado-Nação que limita as pessoas a uma única identidade e considera os que não compartilham dessa identidade como estranho/estrangeiro, como ameaça, como o inimigo e como alvo de exclusão, de rejeição e de preconceito.

Com o objetivo de analisar essa postura, vários estudos mais recentes começam a surgir. Entre eles está o de Mignolo (2003). Esse autor sustenta que, “no início do mundo moderno, as línguas eram ligadas a territórios, e as nações se caracterizavam pelos elos ‘naturais’ entre elas” (MIGNOLO, 2003, p. 302); não havia, portanto, a concepção de que as línguas poderiam estar dissociadas de territórios e que poderiam ser manipuladas, transformadas e remodeladas. Sob esse pressuposto abordado por Mignolo (2003) surgiu a definição de língua nacional e a concepção de Estado-Nação se afirmou.

De acordo com o autor, foi no início do período moderno colonial – aproximadamente entre 1500-1700 – que a forma de marcar domínio se modificou e passou a ser consolidada por meio das línguas, denominando-as línguas nacionais, próprias dos territórios aos quais pertenciam. Essa nova forma de estabelecer fronteiras foi possível, em grande parte, pelo domínio das nações colonizadoras, pois, como forma de marcar posse sobre determinado território, impunha-se a língua da nação colonizadora à colonizada.

Atrelada à intenção de estabelecer domínio e posse e criar sentido, surgiu a necessidade da construção de comunidades imaginadas homogêneas, sem interferências exteriores, organizadas geopoliticamente e com fronteiras geográficas definidas. Construiu-se, então, a “crença de língua nacional, ligada a uma literatura nacional e que contribua, no domínio da língua, para a cultura nacional” (MIGNOLO, 2003, p. 299). Como consequência desse pensamento, considera-se que língua nacional surgiu com a intenção de ser um dos símbolos que poderiam determinar fronteiras no mundo.

Considerando esses argumentos, a língua nacional passou a ser entendida então como uma “entidade singular, um sistema essencialmente fechado, autônomo e diferente de outras línguas, atrelado a um território geográfico específico, que possui uma língua comum, uma língua padrão” (ZOLIN-VESZ, 2015, p. 58). A partir do momento em que se estabeleceu uma língua nacional para determinado território, estabeleceu-se domínio sobre aquele lugar, deu-se um sentido a ele e marcou-se uma identidade a todos os seus moradores, aos pertencentes àquela comunidade e aos falantes daquela língua (nacional).

Mignolo (2003), por sua vez, relacionou a consolidação das línguas nacionais ao seu surgimento “em cumplicidade com o Estado e com instituições que regulamentavam os usos e os abusos da língua” (MIGNOLO, 2003, p. 345). Por se tratar de algo estabelecido pelo Estado e pelo fato de o sujeito ser submisso a este, sua consolidação se estabeleceu. Ademais, atrelada à língua nacional estava a concepção de purismo linguístico, que, conseqüentemente, “se torna o centro do conceito de língua nacional – as variedades marginalizadas e as línguas minoritárias, que integram o território-nação, são consideradas negativas e potencialmente problemáticas, influências que corrompem a ‘pureza’ da língua-mãe” (ZOLIN-VESZ, 2015, p. 58). Comprovando a persistência dessa ideia, projetos de lei como o mencionado na introdução deste trabalho ainda podem ser encontrados nos dias de hoje, projetos cujo intuito é banir, excluir manifestações que se oponham à “pureza” da língua-mãe.

Não obstante, e apesar desse pensamento, posteriormente, começaram a aparecer sinais de que as línguas nacionais não eram tão naturais como se acreditava até então, pois se começou a perceber que havia diversidade linguística sobre determinados territórios nacionais (MIGNOLO, 2003). De acordo com o autor, a determinação de que as línguas estão associadas exclusivamente a um único território não é mais capaz de compreender a configuração global do mundo, uma vez que

o processo crescente de integração econômica e tecnológica global e algumas de suas consequências (como as migrações maciças) estão nos forçando a repensar as relações entre as línguas (nacionais) e os territórios (MIGNOLO, 2003, p. 321).

Essa crescente urgência de repensar as relações entre as línguas-nacionais e os territórios, na atualidade, deve-se, na perspectiva de Mignolo (2003, p. 321), à compreensão de que essa integração está “formando um mundo de linguajamento interligado e de identidades cambiantes”, tornando difícil a permanência da concepção de que, apesar de as pessoas estarem se tornando políglotas em seu sentido de nacionalidade, de história e de raça, a língua ainda está presa a uma ideologia de pureza e de unidade (MIGNOLO, 2003). Vale lembrar que, antes do século XIX, a ordem geopolítica e as fronteiras geográficas permaneciam muito bem definidas e, aparentemente, inalteráveis, o que favorecia pensamentos e crenças de que havia uma convivência entre língua, literatura, cultura e nação.

Em contrapartida, principalmente, nos últimos vinte anos, como assevera Mignolo (2003), essas configurações estão se transformando e o mundo, antes dividido por fronteiras, passa a ser configurado como um espaço transfronteiriço, ou seja, um espaço que ultrapassa as fronteiras geográficas e que caminha para uma dissolução da compreensão clássica do Estado-Nação e de suas determinações relacionadas à língua, conforme discutido por Bauman (2016), principalmente no que diz respeito às práticas linguísticas contemporâneas, levando ao questionamento sobre pensamentos ainda engendrados no paradigma monolíngue. Ademais, “zonas intermediárias, diáspora e relações pós-coloniais são fenômenos diários da vida contemporânea que forçam o linguajamento a transcender a nação onde a língua estava presa à ideologia da pureza e da unidade” (MIGNOLO, 2003, p. 321).

Com base nessas configurações transfronteiriças, transnacionais, várias vertentes linguísticas estão ganhando força e se propondo a questionar e problematizar o paradigma monolíngue, destacando-se entre as principais o bilinguajamento, o transidioma, a transglossia e as práticas translíngues. Portanto, para validar ainda mais o posicionamento que visou defender neste trabalho, é importante, a meu ver, conhecer essas vertentes. Dedico, assim, a próxima seção a essa compreensão.

## **1.2 Bilinguajamento, transidioma, transglossia e práticas translíngues**

Diversas pesquisas na seara da linguística aplicada têm contribuído para problematizar o paradigma monolíngue, principalmente aquelas que buscam dimensionar a concepção de língua. Desse modo, conceitos como bilinguajamento (MIGNOLO, 2003), transidioma (JACQUEMET, 2005; 2016), transglossia (COX; ASSIS-PETERSON, 2006; ASSIS-PETERSON, 2008) e práticas translíngues (CANAGARAJAH, 2013) emergem nesse cenário, buscando balizar as limitações do paradigma monolíngue.

A primeira delas, a de bilinguajamento, é defendida por Mignolo (2003) e definida como o lugar entre as línguas, a desarticulação das línguas nacionais e a demonstração da sua impureza. Essa concepção surge do pressuposto de que é necessário pensar em uma epistemologia que ultrapasse as fronteiras e as estruturas presentes no imaginário do sistema mundial e vá além da compreensão do Estado-Nação como espaço dentro de fronteiras com uma língua nacional, uma epistemologia aberta para o imaginário pós-nacional. Isso ocorre porque hoje, e na última metade do século XX, novas formas de conhecimento que revelam os limites da epistemologia ocidental estão emergindo e exigindo “uma epistemologia de bilinguajamento e não de território” (MIGNOLO, 2003, p. 342), como a defendida pelo Estado-Nação, pois, “enquanto o Estado-Nação promove o amor para com as línguas nacionais, o amor do bilinguajamento nasce das e nas periferias das línguas nacionais e nas experiências transnacionais” (MIGNOLO, 2003, p. 371).

Ainda com o argumento do amor, o autor acrescenta que o bilinguajamento é “o amor pelo lugar entre línguas, o amor pela desarticulação da língua colonial e pelas línguas subalternas, o amor pela impureza das línguas nacionais” (MIGNOLO, 2003, p. 371), ou seja, é o amor por aquilo que a cultura do conhecimento acadêmico rejeita, por tudo aquilo que foi banido desde o primeiro momento do início da colonização e da racionalidade moderna (MIGNOLO, 2000).

O bilinguajamento é, portanto, um pensar além do som, da sintaxe e do léxico e além da necessidade de se ter duas línguas. Por esse motivo, Mignolo (2003) defende a ideia de que o bilinguajamento não é uma habilidade, como o bilinguismo, ou seja, não é apenas a capacidade de usar duas línguas para se comunicar, mas trata-se de um estilo de vida, é um viver-entre-línguas e não apenas a prática de um exercício estético bilíngue, é um não ter vergonha nem medo de não dominar a língua principal, é “um processo dialógico, ético, estético e político de transformação social” (MIGNOLO, 2003, p. 359). Além disso, o autor defende que o bilinguismo, como principal abordagem em projetos educacionais, apenas “arranha a superfície do problema” (MIGNOLO, 2003, p. 375),



sendo necessário, assim, um terreno móvel no qual possam situar-se os projetos educacionais e a descolonização do conhecimento, onde a cumplicidade entre as línguas coloniais e o conhecimento possa ser repensada (MIGNOLO, 2003, p. 375).

Para defender a concepção de bilinguajamento, Mignolo (2003) a considera como uma celebração, a

celebração da brecha no processo global, entre histórias locais e projetos globais, entre ‘mundialización’ e globalização, de línguas a movimentos sociais, e uma crítica da ideia de que a civilização se associa à pureza do monolinguajamento colonial e nacional(MIGNOLO, 2003, p. 340).

Ademais, Mignolo (2003) atribui grande parte dessa celebração às migrações maciças que acabaram colocando em pauta a discussão sobre a emergência de uma ideologia e de um imaginário pós-nacional em um mundo transnacional.

Resumidamente, Mignolo (2003) defende que o argumento principal sobre a importância do bilinguajamento é a urgente “desarticulação de uma das principais crenças no imaginário do sistema mundial colonial/moderno: a cumplicidade entre língua, literatura/cultura e nação” (MIGNOLO, 2003, p. 374) que aponta para uma contestação do paradigma monolíngue.

Além dessa concepção, outra se destaca, a de transidioma, de Jacquemet (2005; 2016), nascida do argumento de que, segundo o autor, ultimamente, a maioria dos estudos sobre língua se dedicam a apresentar cenários ruins, como imperialismo linguístico, línguas que estão sendo ameaçadas e línguas mortas. Esses estudos apresentam-se como um problema, pois acabam se tornando limitados, ao tratarem apenas de uma pequena parte de algo muito mais amplo, como situações que fogem da interação face a face, que avançam em relação ao contexto local e não se resumem a circunstâncias comunicativas que pressupõem proximidade física.

Por esse motivo, o autor propõe um estudo que considere as “recombinant qualities of language mixing, hybridization, and creolization” (JACQUEMET, 2005, p. 257) que abordem as consequências da globalização nas práticas comunicativas e as formações sociais que resultaram do aumento da mobilidade de pessoas, línguas e textos. Nesse sentido, aponta que é preciso uma reconceitualização do que se considera como ambiente comunicativo, pois ele deve deixar de se limitar aos parâmetros padrões, como o monolinguismo, devendo ponderar práticas comunicativas multilíngues, aquelas que são realizadas por falantes com uma posição des/reterritorializada.

Jacquemet (2005) sustenta que essa limitação acontece por interferência da concepção monolíngue, pois ela entende as línguas como confinadas em fronteiras geográficas e, por conta da influência de filósofos do Iluminismo francês e do Romantismo alemão, como relacionadas a uma comunidade e a um lugar. Esse entendimento, conseqüentemente, identifica as pessoas de acordo com a unidade linguística e territorial aos moldes do que propõe o conceito de Estado-Nação. Contudo, essa concepção mostra-se insuficiente para a compreensão das atuais práticas comunicativas, isso porque a mobilidade de pessoas e de textos no mundo contemporâneo é muito grande.

Com base nessa perspectiva, Jacquemet (2005) propõe o conceito de práticas transidiomáticas, ou transidioma, que as descreve como “communicative practices of transnational groups that interact using different languages and communicative codes simultaneously present in a range of communicative channels, both local and distant” (JACQUEMET, 2005, p. 264-265). Nesta direção, o autor apresenta as práticas transidiomáticas como o resultado da “co-presence of multilingual talk (exercised by de/reterritorialized speakers) and electronic media, in contexts heavily structured by social indexicalities and semiotic codes” (JACQUEMET, 2005, p. 265). Isso significa que o “anyone present in transnational environments, whose talk is mediated by deterritorialized technologies, and who interacts with both present and distant people, will find herself producing transidiomatic practices” (JACQUEMET, 2005, p. 265).

Para exemplificar isso, o autor apresenta os Calls Centers indianos, que fazem sucesso justamente pela capacidade que os seus trabalhadores têm de reterritorializar a sua cultura e suas práticas comunicativas para alcançar as expectativas de seus clientes. Para isso, chegam a estudar a cultura popular americana e inglesa e adquirem conhecimento sobre comida, costumes e até programas de televisão famosos dos lugares de onde os seus clientes são, além de analisar o clima desses lugares para estabelecer uma conversa contextualizada. Enquanto fazem isso, conversam com seus colegas de trabalho, checam o site de notícias local e comem comida típica indiana.

Jacquemet (2005) argumenta que o resultado dessa combinação entre vários idiomas e interações tanto locais, entre os companheiros de trabalho, quanto distantes, com os clientes, configura um ambiente transidiomático. Com essa perspectiva, ele sugere que a concepção e as possibilidades de exploração da língua são muito grandes, não havendo porque se limitar ao paradigma monolíngue e, a um só tempo, refrear as manifestações da língua.

Já em Jacquemet (2016), o autor defende ser preciso considerar que os resultados bem-sucedidos dessas práticas transidiomáticas são determinados, em grande parte, pelas habilidades dos falantes para atender a natureza transidiomáticas dessas interações (JACQUEMET, 2016). Em outras palavras,

both participants and analysts need to realize the differential power and linguistic skills present in these settings, the ideological play among fractured and mixed languages, and the asymmetrically distributed ability to tiptoe through the different frames of the transidioma (JACQUEMET, 2016, p. 29).

Além disso, nessa proposta, o autor retoma a noção de transidioma e contextualiza a origem desse conceito durante o seu trabalho de campo na Albânia, em 2000, quando percebeu que os jovens, pela constante convivência com imigrantes recém-chegados ao país, e pelo contato com a mídia estrangeira, começaram a apresentar habilidades linguísticas que caracterizavam sua fala como um idioma misto entre albanês, italiano, inglês e a gíria local.

No entanto, Jacquemet (2016) confirma que essa prática não era um fenômeno raro e único, até porque ele acredita que grupos sociais que interagem, que estão em contato, sempre aprenderam emprestando vocabulário uns aos outros. O fato que, segundo ele, chamou sua atenção para a Albânia foi a massiva quantidade de canais comunicativos existentes ali, tanto face a face quanto em relação à comunicação digital. Percebe-se, de igual maneira, que as configurações da sociedade atual continuam no mesmo caminho da Albânia de 2000, e quiçá com uma interação mais acentuada, o que remete, de maneira automática, à contestação da ideia defendida pelo paradigma monolíngue, uma vez que o Estado-Nação já não consegue impedir a convivência e interação entre as pessoas das mais diversas nacionalidades e, como resultado disso, a influência das línguas umas nas outras.

A concepção de transglossia é outra vertente que apresenta uma visão mais ampla da concepção de língua e questiona a orientação monolíngue. Cunhada por Cox e Assis-Peterson (2006) e Assis-Peterson (2008) e apresentada com a intenção de compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais na sociedade contemporânea, a concepção de transglossia propõe que os conceitos de língua e cultura, comumente vistos como sistemas invariáveis, estáveis e monolíticos,

sejam pensados como sistemas divididos, instáveis, em permanente estado de fluxo, em trânsito, vazando de uma fronteira para outra,

entrecruzando-se, misturando-se, mestiçando-se, transformando-se (ASSIS-PETERSON, 2008, p. 330).

Cox e Assis-Peterson (2006) defendem ainda que o conceito de *transglossia* foi criado por acreditarem ser necessária uma concepção que apreendesse a língua em seu estado de fluidez, de não imóvel, em seu estado de via, de rota. Era essencial para que se pudesse pensar na língua como líquida, como não sólida, que privilegiasse o seu movimento e sua transformação.

As autoras ainda explicam que, por esse motivo, o prefixo *trans-*, foi acrescentado ao termo *glossia* (*transglossia*), pois ele “traduz um desejo de mostrar, além dos sentidos de movimento, trânsito, circulação, troca, o sentido de debordamento de fronteiras entre as línguas, entre palavras, entre expressões, entre culturas” (ASSIS-PETERSON, 2008, p. 330). Sendo assim, essas ideias carregam consigo sentidos de “heterogeneidade, fluidez, inacabamento, fricções e historicidade da linguagem e das práticas sociais. Línguas e culturas são transportadas, transferidas, transformadas. Quer dizer, o núcleo [...] da língua é sempre *transglóssico*” (ASSIS-PETERSON, 2008, p. 330).

Essa postura, ao apresentar a ideia de que as línguas transitam, são fluidas e heterogêneas, mostra-se contrária à propostado paradigma monolíngue, ou seja, à fixidez, à impermeabilidade, à estabilidade das línguas e à sua homogeneidade. Assis-Peterson (2008) acredita ser importante refletir sobre as

supostas crenças de que a integridade e a soberania do português estariam sendo ameaçadas pela invasão do inglês e de que o uso desmedido de tais termos pode comprometer a comunicação do homem comum (ASSIS-PETERSON, 2008, p. 330).

Um ponto interessante a ser destacado é o fato de essa pesquisa ser considerada uma das primeiras no Brasil sobre a problematização do paradigma monolíngue, e essa afirmação das autoras pode ser relacionada à polêmica em relação ao projeto de lei do deputado Aldo Rebelo, anteriormente mencionado, que propunha a censura ao uso do inglês em algumas situações dentro do território brasileiro justamente por estar supondo uma ameaça à integridade e à soberania do português.

Vale dizer que a abordagem de Cox e Assis-Peterson (2006) e Assis-Peterson (2008) está voltada para a análise de um inglês des/reterritorializado, relacionado a fenômenos de cruzamentos linguísticos tanto em espaços físicos reais como em virtuais. Um dos exemplos utilizados por elas se refere a um papel que uma de suas alunas encontrou no banheiro da Universidade Federal de Mato Grosso e que trazia, entre outras

palavras, o vocábulo “cricar” escrito e que causou muita estranheza. No entanto, sabe-se que se trata de uma mestiçagem entre o termo em inglês click, a língua portuguesa e o cuiabanês, em que ocorre o fenômeno chamado rotacismo, no qual se substitui o [l] pelo [r] em nível ortográfico, fonológico, silábico e morfossintático. Cox e Assis-Peterson (2006) consideram que esse é um exemplo apropriado para demonstrar o que elas denominam de transglossia, esse “fenômeno de sincretismo, hibridação ou mestiçagem linguística entre o inglês – uma língua global, o português brasileiro – a língua nacional – e o cuiabanês – a língua local de Cuiabá” (ASSIS-PETERSON, 2008, p. 330).

Foi justamente esse acontecimento que incentivou Cox e Assis-Peterson (2006) a propor as noções de “transglossia e transculturalidade para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas” (ASSIS-PETERSON, 2008, p. 330).

A última das concepções que apresento e que também problematiza o paradigma monolíngue são as práticas translíngues, estudadas por Canagarajah (2013). O autor amplia a discussão sobre elas, levando-as para o contexto acadêmico e indagando sobre a persistente e inalterável presença do monolinguismo nos textos ali criados. Ele sustenta que, apesar de muito se discutir sobre a prática translíngue dentro da academia, as produções que dela saem ainda são escritas na forma canônica, monocêntrica, monolíngue, ou seja, apesar de se discutir no ambiente acadêmico sobre a prática da escrita em vários idiomas, nele ainda se defende a escrita – e se escreve – em apenas uma língua. Canagarajah (2013) justifica esse fenômeno com o argumento de que isso acontece porque todos os escritores, incluindo os falantes nativos, foram educados e ensinados a escrever em um contexto monolíngue de educação formal. Isso é sugerido ainda mais quando se sabe que o monolinguismo e a padronização da linguagem estabeleceram-se com o assessoramento das instituições de ensino, por meio de livros, dos meios de comunicação e de outras instituições que fizeram da linguagem uma representação dos valores da elite (CANAGARAJAH, 2013). Essa afirmação de que os indivíduos devem ser ensinados a escrever em um contexto de educação formal se apoia na ideia de que existe a necessidade de uma escrita “universal”, capaz de fazer com que um leitor, pertencente a qualquer território – seja ele geográfico ou não – entenda-a e saiba expressar-se nela.

Contradizendo essa percepção, Canagarajah (2013) questiona os motivos que apoiam a ideia de padronização e neutralidade da língua escrita, uma vez que essa modalidade deve levar em consideração vários fatores, como a voz do seu autor e seus

valores. Essa percepção não é possível se observada a necessidade que a academia impõe de uma escrita “universal”. Canagarajah (2013) acrescenta que nenhum ato de comunicação está livre de valores, afirmação que segue em direção contrária à insistência e à necessidade de isentar de valores os escritos da academia.

Por outro lado, Canagarajah (2013) sustenta que a escrita padrão, ou formal, não pode desconsiderar a diversidade que já existe no discurso escrito. Por isso, muitos estudiosos, entre eles o próprio autor, estão unindo esforços para trazer suas vozes e valores para dentro da academia e pluralizar a escrita acadêmica, tirá-la dos cânones e assemelhá-la mais ao território transnacional e globalizado no qual está inserida. Ao se considerar que o discurso proferido pelos indivíduos é diverso e que, em determinados momentos, um discurso pode ser apresentado com uma diversidade de vozes, o autor defende ser recomendável, portanto, em um mundo globalizado, com fronteiras linguísticas desvanecendo-se a cada nova invenção tecnológica, incentivar-se a prática de uma escrita pautada em moldes também globalizados.

Com a intenção de colocar essa postura de uma escrita mais acorde aos moldes transacionais, Canagarajah (2013) propõe o *codemeshing*, sintetizado por Zolin-Vesz (2015) como uma forma de materialização da prática *translúgüe* em textos escritos. Não se deve pensar que o *codemeshing* alude a um desrespeito total às regras estabelecidas pela norma padrão da língua e à gramática normativa; ao contrário, trata-se de “a middle position between the extremes of disregard for dominant norms and the suppression of the authoral voice” (CANAGARAJAH, 2013, p. 109).

Não obstante, Canagarajah (2013) adverte que essa criação dos textos não deve ser uma atitude repentina, súbita, porque se assim for, nós poderíamos ser “desqualificados do jogo”. Se chegarmos tentando mudar as regras, é possível que a tentativa de compreensão do *comedeshing* seja rejeitada. Em vista disso, é recomendável que se ofereça a reflexão sobre essa prática e se faça compreender os motivos que levaram a ela, explicando o propósito de se colocar na língua escrita acadêmica um discurso que circula no mundo globalizado com fronteiras linguísticas consideravelmente deterioradas. Sobre essa prática *translúgüe*, Canagarajah (2013) adianta que ela não é uma estratégia garantida de sucesso, pois, como em toda atividade comunicativa, riscos estão envolvidos. No entanto, ele acredita que levar para a prática esse discurso transnacional contribuirá muito para o avanço linguístico.

Com esses conceitos trazidos à baila, compreende-se que a discussão e a proposição de concepções que contradizem o paradigma *monolúgüe* não são assuntos

tão recentes, pois, há algum tempo, percebeu-se que os moldes desse paradigma já não eram suficientes para comportar a pluralidade de práticas linguísticas encontradas pela sociedade contemporânea. Inserido nessa discussão sobre o paradigma monolíngue, Zolin-Vesz (2016) propõe o conceito de enunciado des/reterritorializado, que passo a abordar na seção que segue.

### **1.3 O conceito de enunciado des/reterritorializado**

Buscando inspiração no conceito foucaultiano de enunciado e nas recentes discussões acerca das des/reterritorializações que compõem o mundo contemporâneo, Zolin-Vesz (2016) define os enunciados des/reterritorializados como

construções linguístico-culturais que sugerem transitoriedade múltipla e maior por territorialidades, estimulando desestabilizações em relação ao sentido e ao valor de verdade que compõem determinadas territorialidades (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 219).

De acordo com o autor, a discussão sobre enunciado des/reterritorializado objetiva contribuir, no campo da linguística, para “tornar movediças territorialidades monocêntricas que compõem o sentido e o valor de verdade relacionados ao paradigma monolíngue” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 220). Ademais, tem como intuito propor a reflexão acerca da subjetividade presente nos territórios e do modo como essa subjetividade afeta a maneira de se conceber o território. Nessa perspectiva, ele defende a compreensão de que

tudo está envolvido no movimento de desterritorialização e reterritorialização: não se trata de um objeto, mas de uma relação, ou seja, o próprio movimento de desterritorializar e reterritorializar para, em seguida, desterritorializar e reterritorializar sempre mais (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 220-221).

Entre esse “tudo” defendido pelo autor está a língua que, de acordo com as demandas do mundo contemporâneo, já não comporta a ideia de fixidez, de homogeneização e de confinamento a territórios, pois está, a todo momento, em uma relação de desreterritorialização e de reterritorialização.

Pensando nisso, e com a intenção de ampliar a discussão, Zolin-Vesz (2016) considera a territorialidade como “um campo de significações territoriais sem existir necessariamente um território (concreto, físico) correspondente a esse campo” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 221). Sendo assim, ao considerar-se que não existe um território físico abarcando esse campo de significações, automaticamente, o ponto de vista defendido pelo

paradigma monolíngue tem seus alicerces sacudidos, uma vez que não se confirma a relação entre o território por ele apresentado e as diferentes práticas linguísticas encontradas nas sociedades contemporâneas. Esse posicionamento sugere que a língua, ao contrário do que o paradigma monolíngue apresenta, isto é, de ser “um sistema fechado, autônomo e diferente de outras línguas, atrelado a um território geográfico específico” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 220), pode ser entendida agora a partir das múltiplas territorialidades às quais temos acesso e pelas quais transitamos, trânsito que constitui, “a todo momento, des/reterritorializações” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 220) e, em consonância com isso, ultrapassa fronteiras territoriais. Por outro lado, o autor esclarece que, apesar do traspasso das fronteiras territoriais, essas formas de território não estão ausentes no imaginário cultural e linguístico.

É justamente essa possibilidade de acessar diferentes territórios e de conviver com eles, seja pela transitoriedade linguística, seja pela cultural, que permite a construção de enunciados des/reterritorializados que,

além de sugerirem facilidade maior e múltipla de trânsito por territorialidades diversas, estimulam, a um só tempo, desestabilizações em relação a determinadas territorialidades consideradas ‘naturalmente contíguas’ (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 221).

Isso é comprovado com os nove enunciados que foram escolhidos para a composição deste trabalho, pois eles “aludem àquelas territorialidades que compõem o sentido e o valor de verdade relacionados à concepção de língua fundada no/ pelo paradigma monolíngue” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 221) e desestabilizam o sentido de valor de verdade encontrado nos enunciados.

Em vista disso, o conceito de enunciado de Foucault (2008) é importante para a construção dessa discussão, uma vez que o autor declara que ser o enunciado uma função que não se identifica nem com a ‘aceitabilidade’ gramatical – isso significa que o enunciado não coincide com a ideia de ‘frase gramatical’ –, nem com a correção ou proposição lógica, e que requer, para se realizar, um referencial, um sujeito, um campo associado e uma materialidade. Zolin-Vesz (2016) resume a ideia ao declarar que

trata-se de uma função, que atravessa estruturas e unidades possíveis linguisticamente e faz com que lhes atribuamos (ou não) um sentido e/ou um valor de verdade. É dessa forma que podemos dizer, por exemplo, se a frase é aceitável ou interpretável, ou se a proposição é legítima, uma vez que o que está em jogo é o sentido e o valor de verdade dos enunciados (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 221-222).



Portanto, como enunciado é uma função que vai além de estruturas e unidades linguísticas possíveis e não se prende ou se limita a regras gramaticais, possui a possibilidade de se des/reterritorializar e, ao fazer isso, demanda diferentes des/reterritorialidades e “desestabiliza a fixidez, a rigidez e as hierarquias impostas por determinadas contiguidades, como aquela imputada pelo paradigma monolíngue em relação à concepção de língua” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 222).

Sendo assim, associar a ideia de enunciado à de des/reterritorialização permite uma ampliação da concepção de língua predominante, uma vez que não limita o uso dessa língua a determinados territórios. Pelo contrário, insinua um uso dela mais acorde com os anseios do mundo globalizado, um mundo no qual diversas territorialidades transitam, o que pode ser apresentado com a aparente fragilização de fronteiras territoriais no que se refere às línguas.

Por esse motivo, é importante a abordagem do conceito de enunciado des/reterritorializado para a desestabilização dos pilares do paradigma monolíngue, pois eles sugerem o “destronamento da supremacia da concepção de território vinculada à ideia de Estado-Nação, pluralizando as práticas linguísticas que constituem cada Estado-Nação” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 222).

Embasada nessa concepção de que as línguas se des/reterritorializam, pois o mundo contemporâneo aponta para uma desestabilização da noção de língua como pertencente a um único território, a uma comunidade e sujeita a regras gramaticais rígidas, passo a analisar enunciados des/reterritorializados que sugerem a ideia de desestabilização do sentido e valor de verdade do paradigma monolíngue. Entretanto, antes da análise desses enunciados, apresento a metodologia usada para a construção desta pesquisa.

## **CAPÍTULO 2**

### **LO REFERENCIAL Y LAS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste segundo capítulo, exponho, inicialmente, o procedimento metodológico utilizado para a realização da pesquisa aqui proposta, sob a luz dos conceitos de pesquisa qualitativa e documental, de Ramalho e Resende (2011), e, na sequência, a concepção de arquivo, formulada por Foucault (2008). Ao final, apresento a lista de enunciados des/reterritorializados utilizados para a construção desta dissertação.

#### **2.1 A pesquisa qualitativa e documental**

A pesquisa qualitativa foi utilizada para a construção deste trabalho, uma vez que ela, como um “conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (RAMALHO; RESENDE, 2011), possibilita ao pesquisador, “situado biograficamente” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 74), e a partir da sua concepção de mundo, ou da natureza da realidade, entender, descrever e interpretar aspectos do mundo (RAMALHO; RESENDE, 2011). Ademais, como a pesquisa qualitativa é guiada “por um conjunto de crenças e de sentimentos em relação ao mundo e a como este deveria ser

compreendido e estudado [...]” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 74), os dados gerados dependem do entendimento e da interpretação do pesquisador em relação ao objeto analisado. Vale ressaltar que, como se trata de um trabalho com característica arquivística, ou seja, como a intenção é montar um arquivo composto de propagandas, os dados não são coletados e, sim, gerados pelo próprio pesquisador a partir da formação discursiva na qual está inserido; por isso, optou-se pela expressão geração de dados para ser usada nesta dissertação. Retomando a observação de Ramalho e Resende (2011), neste tipo de pesquisa, o pesquisador é guiado por suas crenças e sentimentos em relação à compreensão e ao estudo do mundo; sendo assim, os resultados da investigação são dependentes da interpretação do autor da análise, o que conduz, conseqüentemente, à geração de dados.

Pensando nisso, entendo que as propagandas aqui utilizadas são materiais de pesquisa e que, a partir do meu olhar sobre esses enunciados des/reterritorializados, é possível depreender sentidos que se manifestam como desestabilizadores e/ou reafirmadores do paradigma monolíngue. Além disso, o texto midiático, como é o caso das propagandas, é um dado de natureza formal, muito utilizado pela pesquisa documental como principal material empírico. Elas são definidas como de natureza formal porque a sua elaboração demanda competência de conhecimento especializado (RAMALHO E RESENDE, 2011), como a de publicitários.

Posto isto, vale ressaltar, apesar de entender que frequentemente “em pesquisas documentais não seja suficiente trabalhar com apenas o *corpus* principal de dados formais, como as publicidades” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 96), que, neste trabalho, limito a análise aos enunciados des/reterritorializados, isto é, às propagandas, com a intenção de construir um *corpus* principal composto por nove enunciados constitutivos de um arquivo de enunciados des/reterritorializados.

Considerando que esses nove enunciados formam um arquivo de enunciados des/reterritorializados, é interessante esclarecer o conceito de arquivo, defendido por Foucault (2008), no qual está firmado este trabalho. Com esse objetivo, apresento a próxima seção.

## **2.2 O conceito de arquivo**

Convém destacar que o conceito de arquivo no qual está baseado este trabalho é o apresentado por Foucault (2008), que não o descreve como “a soma de todos os textos

que uma cultura guardou em seu poder, como documentos de seu próprio passado, ou como testemunho de sua identidade mantida” (FOUCAULT, 2008, p. 146), muito menos como “as instituições que, em determinada sociedade, permitem registrar e conservar os discursos de que se quer ter lembrança e manter a livre disposição” (FOUCAULT, 2008, p. 146). Pelo contrário, trata-se “do que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias” (FOUCAULT, 2008, p. 146). É a lei do que pode ser dito, são sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos, levando em consideração suas condições e seu domínio de aparecimento, e coisas, compreendendo a sua possibilidade e campo de utilização. Dito de outro modo, é o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares e faz com que as coisas ditas se relacionem umas com as outras e se formem, componham-se e se transformem mutuamente (FOUCAULT, 2008).

Para além disso, Foucault (2008) sugere que o arquivo não é descritível em sua totalidade, posto ser ele construído a partir de fragmentos, regiões e níveis, e sua análise se tornar melhor quanto mais distante no tempo se estiver dele. Desse modo, arquivo é o sistema geral da formação e transformação dos enunciados, é o que define o sistema de sua enunciabilidade, é o sistema de seu funcionamento. É também o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria. Pode-se dizer, em outros termos, que o arquivo é o sistema de condições históricas de possibilidade dos enunciados. Além disso, de acordo com Foucault (2008, p. 147), é “uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação”.

Em síntese, o arquivo é o conjunto dos discursos de fato pronunciados, discursos esses regidos por regras que definem os limites e as formas do que pode ser dito, um conjunto que continua em funcionamento, com a possibilidade de se transformar e de possibilitar o surgimento de outros discursos. O arquivo é, portanto, o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados.

De acordo com a interpretação que busco promover neste texto, o elemento em comum que considero estar presente nos enunciados analisados e o qual permite compor um sistema geral de formação dos enunciados é a questão do valor de verdade relacionado a diversas territorialidades, principalmente àquelas vinculadas ao paradigma monolíngue. O arquivo, desse modo, é entendido, nesta pesquisa, como o possibilitador da análise das práticas linguísticas aqui apresentadas.

## 2.3 Procedimentos metodológicos

Tendo como sustentação a possibilidade apresentada pela construção de um arquivo de enunciados des/reterritorializados, e partindo da premissa de que as próprias propagandas são entendidas como os enunciados des/reterritorializados, os dados gerados e analisados nesta pesquisa foram retirados do endereço <<https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/>> (Imagem 1), que corresponde à página do Facebook de um restaurante que se propõe a oferecer comida traduzida como mexicana, o El Pancho, situado na cidade de Cuiabá – MT. Escolhi o restaurante El Pancho por sua recorrência na criação de enunciados des/reterritorializados.

Imagem 1 – Página inicial no Facebook do restaurante



Fonte: Facebook<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Página inicial do Facebook do Restaurante de comida traduzida como mexicana El Pancho, situado na cidade de Cuiabá –MT, de onde foram retirados os enunciados des/reterritorializados que compõem o arquivo analisado neste texto. Disponível em: Acesso em: 7 jul. 2017.

Para a geração de dados, foi construído um arquivo de enunciados des/reterritorializados, reunindo algumas propagandas divulgadas por esse restaurante, que privilegiam a produção de enunciados contendo elementos linguísticos relacionados à língua portuguesa e à língua espanhola. É preciso frisar que observei cerca de 60 anúncios durante o período de sete meses, de 26 de dezembro de 2016 a 3 de agosto de 2017, que foram compartilhados pelo restaurante em sua página do Facebook ao longo dos anos de 2015 e 2017.

Dentre as cerca de 60 propagandas, foram escolhidas nove delas para serem analisadas, justamente por apresentarem, até a data do recorte, as características que contribuía para os objetivos desta pesquisa, como a convivência entre as línguas portuguesa e espanhola em um mesmo enunciado e a paralela legitimação e deslegitimação do paradigma monolíngue. São essas nove escolhidas, portanto, as que fazem parte deste trabalho e que possibilitam a geração de dados para a elaboração da pesquisa, as quais apresento a seguir. Vale lembrar que todos os enunciados estão disponíveis no endereço <https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/>.

### **Lista de enunciados des/reterritorializados**

1. “Venha para el lugar más caliente da cidade” Data de publicação: 26 de novembro de 2015
2. “Diversión usted encontra só aquí” Data de publicação: 27 de novembro de 2015
3. “Eai? Que tal una cerveza pra dar uma refrescada?” Data de publicação: 8 de novembro de 2015
4. “El cultura de la México pertinho de usted” Data de publicação: 28 de agosto de 2015
5. “Pista caliente – Vem dançar no El Pancho” Data de publicação: 20 de julho de 2017
6. “Tá quente, né hermano? Vem beber uma cerveza gelada pra refrescar!” Data de publicação: 7 de outubro de 2015
7. “Estamos fechado para descansar. Amanhã voltamos com muy animación” Data de publicação: 5 de outubro de 2015
8. “La noche mais animada de Cuiabá”

Data de publicação: 24 de outubro de 2015
9. “Estás prontos para pitar el cabeción, com o mejor tequileiro del mundo??”
Data de publicação: 19 de novembro de 2015

Como argumento central desta análise, recorri ao conceito de enunciado des/reterritorializado, defendido por Zolin-Vesz (2016), para justificar a perspectiva de que os anúncios divulgados pelo restaurante El Pancho em sua página do Facebook são enunciados des/reterritorializados, ou seja, apontam uma transitividade maior entre as territorialidades pelas quais transitamos no mundo contemporâneo. Cada enunciado foi trabalhado de maneira individual, procurando explicar a presença de elementos que podem se manifestar como desestabilizadores e/ou reafirmadores do paradigma monolíngue.

Portanto, em um primeiro momento, recorrendo ao conceito de enunciado des/reterritorializado, de Zolin-Vesz (2016), com a intenção de analisar como esse conceito contribui para problematizar o paradigma monolíngue, enfatizei o processo de des/reterritorialização geográfica que, a meu ver, é manifestado em cada enunciado. Posteriormente, abordei o aspecto gramático-normativo apresentado pelas propagandas. Por fim, tentei identificar quais são as territorialidades pelas quais transita cada enunciado des/reterritorializado e quais valores de verdade, em relação ao paradigma monolíngue, são legitimados ou deslegitimados nos enunciados analisados.

Considerando-se o entendimento da orientação monolíngue de que a língua está intrinsecamente ligada a território, esses anúncios contribuem, a meu ver, para uma análise que leve em conta tanto a perspectiva da legitimação do vínculo entre língua e território quanto a desestabilização desse elo. Essa contribuição é evidenciada nos anúncios compostos de elementos relacionados à língua espanhola, mesmo sendo direcionados, supostamente, ao público brasileiro, o que faz com que eles sejam entendidos como enunciados des/reterritorializados.

### **CAPÍTULO 3**

#### **DESCRICIÓN E DISCUSSÓN DOS DADOS- PARA PIRAR EL CABECIÓN**

Neste capítulo, no qual está concentrado o arquivo de enunciados des/reterritorializados, baseando-me no entendimento de enunciado des/reterritorializado propagado por Zolin-Vesz (2016), identifico e aponto as diferentes territorialidades pelas quais circulam os enunciados do restaurante mexicano El Pancho. São territorialidades que confirmam que a concepção de língua relacionada ao paradigma monolíngue, e aos valores de verdade a ele relacionados, começa a sofrer um desequilíbrio. No entanto, em um mesmo plano, continua a apresentar sinais de sua estabilidade.

Nessa perspectiva, procuro desvendar como, nesses enunciados, elementos da língua portuguesa e da língua espanhola se unem e formam um enunciado des/reterritorializado, visando responder à primeira pergunta de pesquisa: *quais são as territorialidades pelas quais transitam os enunciados des/reterritorializados aqui analisados?* A um só tempo, procuro demonstrar a contribuição desses enunciados des/reterritorializados para a desestabilização dos valores de verdade relacionados à concepção de língua vinculada ao paradigma monolíngue em um mesmo momento em que reafirma esse paradigma. Nessa linha de raciocínio, busco responder à segunda



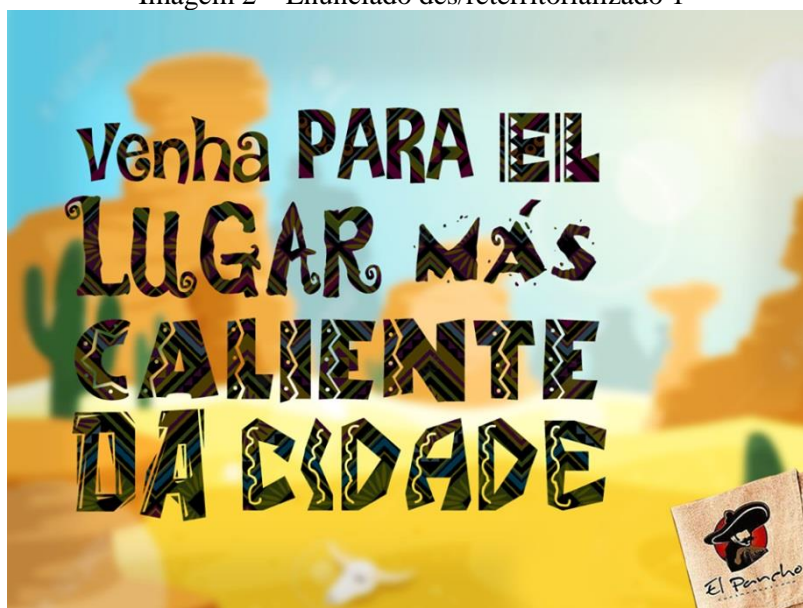
pergunta de pesquisa: *quais valores de verdade, em relação ao paradigma monolíngue, são legitimados e quais são deslegitimados?*

Por esse caminho, com a intenção de responder a essas perguntas, e baseada nos pressupostos teóricos apresentados, passo a analisar os enunciados des/reterritorializados que confirmam a perspectiva de desestabilização do sentido e valor de verdade do paradigma monolíngue, ao mesmo tempo em que o reafirmam.

### 3.1 Venha para el lugar más caliente da cidade

O primeiro enunciado a ser analisado é “venha para el lugar más caliente da cidade”<sup>6</sup> (Imagem 2). Considerando a interpretação que proponho desenvolver neste trabalho, esse enunciado, uma propaganda de um restaurante de comida mexicana situado em Cuiabá – MT, contribui para desequilibrar territorialidades relacionadas ao paradigma monolíngue e, a um só tempo, reforçar essas territorialidades.

Imagem 2 – Enunciado des/reterritorializado 1



Fonte: Página do El Pancho no Facebook<sup>7</sup>.

Nesse enunciado, são encontradas, pelo menos, duas desestabilizações do paradigma monolíngue. A primeira delas se refere à ideia de língua nacional e de Estado-

---

<sup>6</sup> As aspas usadas nos enunciados não servem para evidenciá-los como “estrangeirismo” na mesma perspectiva defendida pelo paradigma monolíngue, mas para destacá-los como excertos dos dados que analiso.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/>. Acesso em 4: jul. 2017.

Nação. Isso ocorre porque, em “venha para el lugar más caliente da cidade”, não é comprovada a noção de que a língua é um sistema autônomo, atrelado a um território específico que é considerado como “natural” a ela. Pelo contrário, aqui se pode encontrar o que Zolin-Vesz (2016) sugere sobre o fato de as línguas não serem fechadas, mas poderem sofrer influência umas das outras, e até mesmo compartilhar uma mesma estrutura linguística em um território geográfico distinto do que lhes foi atribuído como correspondente. Conforme exposto, essa situação é considerada como inaceitável para a concepção de língua nacional, por acreditar em uma língua “pura”, sem interferências externas e confinada em um território nacional específico.

Nessa perspectiva, “venha para el lugar más caliente da cidade” parece favorecer o desequilíbrio do valor de verdade proposto pelo paradigma monolíngue que insere a língua e o território em uma mesma dimensão, ou seja, relaciona a língua a um determinado território e considera legítimo apenas o uso dessa língua dentro dele. Como, nesse caso, elementos da língua espanhola (el, más, caliente) foram encontrados em uma propaganda voltada para um público brasileiro em um território – a cidade de Cuiabá – cuja língua de uso determinada pelo Estado-Nação como oficial é a língua portuguesa, pode-se dizer que a língua transitou por entre as territorialidades, constituindo, desse modo, o primeiro movimento de des/reterritorialização, uma vez que a língua espanhola foi usada em outra territorialidade que não é a sua dita “natural”.

Além disso, por meio da transição entre territorialidades, esse enunciado contribui para a desestabilização de outro valor de verdade defendido pelo paradigma monolíngue, o de que o falante nativo é o único com autoridade para decidir como a língua deve ser usada e o único capaz de normatizar e impor regras de uso da língua aos falantes não nativos (CANAGARAJAH, 2013). Essa compreensão se apoia na ideia de que, a partir do momento em que a língua está sendo usada em outra territorialidade pelos considerados como falantes não competentes – os quais, de acordo com o estudo de Figueredo (2011), seriam os indivíduos que não possuem conhecimento dos traços sociais, funcionais, afetivos e contextuais da língua – e adquirindo um novo sentido com esse uso, o valor de verdade do paradigma monolíngue vê-se abalado, pois se confirma a possibilidade do uso de uma língua em várias territorialidades e territórios e por indivíduos que não possuem, supostamente, a competência necessária para usá-la.

Portanto, os dois processos de des/reterritorialização encontrados no enunciado “venha para el lugar más caliente da cidade” apontam para uma deterioração da relação, considerada “natural” pelo paradigma monolíngue, entre território e língua, pois esta

deixa de ser limitada a confinamentos territoriais. Dessa maneira, o enunciado, mediante seu trânsito por diferentes territorialidades, sugere o abalo de concepções do paradigma monolíngue e suscita o entendimento dos desafios transfronteiriços, comentados por Bauman (2016), com os quais o Estado-Nação não está mais conseguindo lidar, como a convivência de línguas distintas em um mesmo limite territorial.

Por outro lado, como lembrado por Zolin-Vesz (2016), apesar do traspassamento das fronteiras territoriais evidenciado pelo enunciado “venha para el lugar más caliente da cidade”, essas formas de território não estão ausentes no imaginário cultural e linguístico, e isso é percebido no momento em que, por se tratar de um restaurante que leva a identidade mexicana em seu nome e nos produtos que vende, acreditou-se na necessidade de incorporar elementos da língua espanhola na propaganda com a intenção de legitimar essa identidade.

Seguindo os pressupostos do Estado-Nação, cada território geográfico possui uma língua oficial, a língua nacional. Nesse sentido, a do México é a língua espanhola; portanto, uma maneira de legitimar a “nacionalidade” do restaurante e dos produtos/serviços por ele vendidos é fazer uso da língua que o Estado-Nação define como a única a ser falada naquele território e, de forma paralela e consequente, desconsiderar as línguas minoritárias que seriam faladas naquele mesmo território, no caso, o mexicano. Esse panorama sugere que, simultaneamente, o enunciado trabalhado desafia a estabilidade e a homogeneidade da língua, resgatando essas características, o que acaba demonstrando a permanência e a estabilidade do paradigma monolíngue.

Em conclusão, observa-se que o enunciado, mesmo desafiando o valor de verdade pregado pelo paradigma monolíngue, o confirma, sugerindo uma ampliação e, a um só tempo, a manutenção de concepções de territorialidade e de língua determinadas pelo monolinguismo.

### **3.2 Diversión usted encontra só aquí**

O segundo enunciado que trago para análise é o “diversión usted encontra só aquí” (Imagem 3), também retirado da página do restaurante El Pancho e que, como o anterior, apresenta características que contribuem para a desestabilização de territorialidades associadas ao paradigma monolíngue. No entanto, esse mesmo enunciado, ao mesmo tempo em que confirma essas territorialidades, sugere sua estabilização.

Imagem 3 – Enunciado des/reterritorializado 2



Fonte: Página do El Pancho no Facebook<sup>8</sup>.

Pensando em Cuiabá como um território geográfico, a única língua a ser usada nele, de acordo com as determinações do Estado-Nação, apresentadas por Bauman (2016) e por Mignolo (2003), deveria ser o português, pois se trata da língua oficial/nacional desse território ao qual está vinculada a nação brasileira. Entretanto, o enunciado des/reterritorializado “diversión usted encontra só aqui” surge como uma manifestação da debilidade dessa determinação, uma vez que apresenta elementos linguísticos do espanhol (diversión, usted, aquí) – língua determinada pelo Estado-Nação como não comum a esse território – em uma peça publicitária produzida para o público da cidade de Cuiabá.

Partindo disso, esse enunciado aponta para o desequilíbrio do valor de verdade defendido pelo paradigma monolíngue, e bem resumido por Canagarajah (2013), de que a língua está imediatamente associada a uma comunidade e atrelada a um lugar, e que não pode ser usada fora dele, visto que a única maneira legítima de usá-la é dentro do seu lugar de origem e pelo falante nativo. Percebe-se, dessa forma, um movimento de des/reterritorialização, pois a língua espanhola foi usada fora de seu território “natural” e foi incorporada a elementos de outra língua, ou seja, a língua espanhola transitou entre outras territorialidades, foi usada em um território cuja língua oficial/nacional é a portuguesa e colocada para conviver com ela.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/>. Acesso em: 27 fev. 2017.

Nesse sentido, é sugerido o primeiro desequilíbrio do valor de verdade pregado pelo paradigma monolíngue, aquele que determina a associação e a indivisão entre língua e território, afinal, o único uso legítimo da língua é dentro de seu território “natural”. Tem-se, então, a primeira movimentação que aponta para a des/reterritorialização configurada pela transitoriedade da língua entre as territorialidades que, nesse enunciado, está marcada pela presença de elementos da língua espanhola em outra territorialidade, uma propaganda que tem como público-alvo um território definido pelo Estado-Nação como usuário da língua portuguesa.

Além disso, esse enunciado também pode ser entendido como desestabilizador de outro valor de verdade exposto pelo paradigma monolíngue, o de que apenas o falante nativo pode manipular a língua e que o seu uso por um falante não nascido no território definido, de acordo com a orientação monolíngue, como “original” àquela língua, não pode ser legítimo, pois ele não possui a competência necessária para isso (FIGUEREDO, 2011). O fato de a propaganda, assim como a anterior, ter sido produzida por um brasileiro – da cidade de Cuiabá, MT – sugere que essa “verdade” não pode ser comprovada e que falantes não nativos podem usar uma língua que não é a “natural” deles em outro território, manipulá-la e fazê-la conviver com outras línguas.

Ademais, contrariando a premissa apregoada pela gramática normativa – aliada da orientação monolíngue – de que a língua é “pura” justamente pela não convivência com as outras línguas – até porque a convivência tira essa “pureza” – esse enunciado sugere que elementos linguísticos de duas línguas podem conviver sem indicar uma “contaminação” dessas línguas. Trata-se, simplesmente, de uma possibilidade a mais de prática linguística que o mundo contemporâneo favorece, dada a convivência entre línguas nos territórios e nas territorialidades.

Dessa maneira, os processos de des/reterritorialização sugeridos pelo enunciado “Diversión usted encontra só aqui”, tal como o enunciado anterior, apontam para a degradação da equivalência entre língua e território exposta pelo paradigma monolíngue. Além disso, desestabilizam a noção de que só são legítimas as práticas linguísticas que estejam relacionadas a determinados territórios e territorialidades e que as manifestações de línguas contrárias a isso são ilegítimas e devem ser evitadas. Sendo assim, esse enunciado, por sugerir esse trânsito pelas territorialidades, aponta para um enfraquecimento das noções do paradigma monolíngue e confirma o que Mignolo (2003) destacou sobre a necessidade de se repensarem as relações entre as línguas (nacionais) e

os territórios, pois essa configuração não é mais capaz de compreender a configuração global do mundo.

Em contrapartida, é importante reforçar que esse enunciado, na mesma intensidade com que desequilibra os valores de verdade do paradigma monolíngue, o reafirma, pois associa o produto que é vendido no restaurante – no caso, comida mexicana – ao lugar de origem desse produto – o México – e à ideia defendida pelo Estado-Nação de que todo território possui um idioma que é nacional e que essa língua nacional marca a identidade daquela comunidade. Portanto, se o produto é de origem mexicana, a língua espanhola, que é um marcador da identidade mexicana, deve ser incluída na propaganda desse produto como uma forma de ressaltar essa identidade mexicana.

Com isso, confirma-se o posicionamento de Zolin-Vesz (2016) de que, apesar de ser possível perceber que há um traspasse das fronteiras territoriais, essa concepção de território não desapareceu do imaginário cultural e linguístico, pois, embora o enunciado conteste as estruturas do paradigma monolíngue, ele as reforça e demonstra quão estável ainda é tal concepção. Logo, é possível observar que o enunciado “diversión usted encontra só aquí” tanto opera como um desestabilizador do valor de verdade pregado pelo paradigma monolíngue quanto o confirma, na mesma tonicidade. Esse movimento de “vai e volta” reafirma a ideia de que o paradigma monolíngue, nesse enunciado, ao mesmo tempo em que é deslegitimado, é legitimado.

### **3.3 Eai? Que tal una cerveza pra dar uma refrescada?**

Outro enunciado que segue no mesmo caminho dos anteriores é “Eai? Que tal una cerveza pra dar uma refrescada?” (Imagem 4). Nesse caso, também é percebida a convivência de elementos linguísticos da língua espanhola e da língua portuguesa em um mesmo enunciado, o que o caracteriza como des/reterritorializado. Sendo assim, é possível admitir que ele também apresenta características que confirmam a desestabilização de territorialidades relacionadas ao paradigma monolíngue e, de modo simultâneo, as fortalece.

Imagem 4 – Enunciado des/reterritorializado 3



Fonte: Página do El Pancho no Facebook.<sup>9</sup>

A primeira des/reterritorialização apontada nesse enunciado diz respeito à desestabilização da concepção de língua nacional, aquela trabalhada por Canagarajah (2003) e pilar da tríade herderiana, e que só pode ser usada em um território específico, naquele em que ela, como determinado pelo Estado-Nação, é a língua oficial. No entanto, ao adicionar elementos linguísticos da língua espanhola (una, cerveza) em uma propaganda para um público brasileiro, percebe-se uma des/reterritorialização da língua, pois ela deixou de estar restrita ao que diz o Estado-Nação, isto é, que ela deve estar limitada a um território determinado, especificamente ao Estado em que ela é língua nacional, para avançar para um território que não é o seu e conviver com a língua definida pelo Estado-Nação como a pertencente àquele território. Percebe-se, portanto, o trânsito da língua entre as territorialidades.

Sob essa perspectiva, percebe-se que, no enunciado “Eai? Que tal una cerveza pra dar uma refrescada?”, a língua espanhola avançou de seu território “natural”, onde ela é tida como oficial, para ser usada em um território em que, de acordo com as determinações do Estado-Nação, a língua portuguesa é a pretendida. Esse movimento de des/reterritorialização demonstra a transitoriedade da língua entre as territorialidades mediante a desestabilização da concepção de língua nacional, uma vez que esta não pode garantir a fixidez da língua a seu território “natural”, visto que, como demonstrado pelo enunciado, as línguas são capazes de desreterritorializar-se e, além disso, podem sugerir o seu trânsito pela multiplicidade de territórios pelos quais elas são capazes de circular.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/>. Acesso em: 9 jul. 2017.

Tem-se, portanto, nessa perspectiva, a desestabilização do sentido de valor de verdade do paradigma monolíngue no que diz respeito à equivalência entre língua e lugar, pois esse enunciado, mesmo contendo elementos linguísticos de uma língua que não é “natural” ao território brasileiro, está direcionado a pessoas que vivem nesse território. Isso sugere que as línguas, longe do que é defendido pela orientação monolíngue, não são sistemas autônomos, fechados e ligados unicamente a um território específico, razão pela qual não poderiam ser utilizadas em outro território e em outra territorialidade. Pelo contrário, elas podem transitar por diversas territorialidades e tornar legítimas práticas linguísticas que diferem da prática estabelecida pelo paradigma monolíngue como únicas a serem legitimadas.

Além disso, mediante a transição da língua por entre as territorialidades, outro desequilíbrio do sentido e valor de verdade exposto pelo paradigma monolíngue e apresentado nesse enunciado, e nos anteriores, é o da concepção de que a língua só pode ser usada por falantes nativos, responsáveis pela definição de como ela deve ser usada, devendo ser rejeitado qualquer uso que fuja a essa regra. Essa desestabilização é projetada ao incluir os elementos da língua espanhola (una e cerveza) em um enunciado que, por estar voltado para um público brasileiro, não poderia incluir elementos de uma língua que não fosse a determinada pelo Estado-Nação como a oficial, nesse caso, o português.

No entanto, em contraposição a essa ideia, esse enunciado sugere que o valor de verdade do paradigma monolíngue se vê abalado e confirma a possibilidade de que indivíduos “não competentes” possam usá-la em várias territorialidades e territórios. Ademais, esse enunciado também aponta para a desestabilização do valor de verdade que determinaser o falante nativo quem impõe as regras da língua e que o não nativo deve seguir essas regras.

Contudo, e apesar disso, esse enunciado, como proponho neste trabalho, e como os dois anteriores, ao mesmo tempo em que apresenta peculiaridades que desestabilizam os valores de verdade relacionados ao paradigma monolíngue, demonstra o quão enraizados estão esses valores na nossa concepção de língua, pois ainda permanece em nosso imaginário a equivalência entre língua e lugar (ZOLIN-VESZ, 2016). Afinal, a orientação monolíngue crê que a essência da comunidade está na língua; sendo assim, ela é uma das principais responsáveis por marcar a identidade, a origem e os valores dessa comunidade. Isso é tão significativo que foi preciso utilizar elementos linguísticos da língua espanhola (una cerveza) para evidenciar que os produtos – nesse caso, a cerveza –



vendidos no estabelecimento comercial – o restaurante El Pancho – são traduzidos como mexicanos, possuem origem e essência mexicanas. Portanto, o enunciado “Eai? Que tal uma cerveza pra dar uma refrescada?” demonstra a prevalência da concepção de que a língua classifica o pertencimento a determinado lugar e a determinada comunidade, ademais de marcar a identidade e a essência daquele lugar, sendo ela a maneira mais eficiente de associação a um determinado território.

Assim, pode-se dizer que a definição da essência de determinado território por meio da língua é uma marca da estabilidade do monolinguismo na concepção de língua e isso sugere que, por mais que sejam produzidos cada vez mais enunciados que apontam para a des/reterritorialização das línguas, ainda persistem as ideias que definem a existência de apenas um idioma pertencente a uma única comunidade de fala. Isso demonstra que se continua repetindo a ideia de que a língua está associada ao território que lhe foi determinado pelo Estado-Nação (MIGNOLO, 2003), marcando, dessa maneira, a fixidez do monolinguismo, como defendido por Zolin-Vesz (2016).

### **3.4 El Cultura de la México pertinho de usted!**

O próximo enunciado é o “El cultura de la México pertinho de usted!” (Imagem 5), também uma propaganda divulgada pela página do restaurante El Pancho no Facebook. Além do mais, a título de informação, esse mesmo anúncio circulou de maneira impressa pela cidade de Cuiabá no ano de 2016. Posto isto, saliento que, assim como os enunciados analisados anteriormente, “El cultura de la México pertinho de usted!” apresenta particularidades que desestabilizam o sentido de valor de verdade do paradigma monolíngue ao mesmo tempo em que o reforçam.

Imagem 5 – Enunciado des/reterritorializado 4



Fonte: Página do El Pancho no Facebook<sup>10</sup>

Ao analisar-se o enunciado, percebe-se que, tal como todos os enunciados já analisados neste trabalho, a primeira desestabilização dos valores de verdade do paradigma monolíngue diz respeito à noção de língua nacional, uma língua que deve ser entendida e concebida, de acordo com a orientação monolíngue, como um sistema autônomo, fechado, atrelado a um território específico e com uma língua padrão, como evidenciou Zolin-Vesz (2016). Esse desequilíbrio é evidenciado na convivência entre elementos linguísticos do português (pertinho) e do espanhol (usted, el e la), em um mesmo enunciado – quanto aos elementos cultura e México, é importante salientar que são grafados da mesma maneira em ambos os idiomas. Com isso, é validada a discussão promovida por Zolin-Vesz (2016) de que a língua passa a ser entendida a partir da multiplicidade de territorialidades pelas quais transitamos, não se limitando às determinações gramaticais pregadas pela gramática normativa dessa língua. Sendo assim, justamente pela confrontação dessas regras, é perceptível o trânsito pelas territorialidades que as línguas espanhola e portuguesa fazem.

Apesar das várias particularidades comentadas nos enunciados anteriores – de que a convivência entre elementos linguísticos de línguas diferentes demonstra uma desestabilização do sentido de valor de verdade do paradigma monolíngue e de que as línguas não se apresentam apenas confinadas em determinados territórios geográficos – o aspecto mais interessante a ser discutido no enunciado “el cultura de la México pertinho

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/>. Acesso em: 1º ago. 2017

de usted” é o uso dos artigos el e la na propaganda, pois, da maneira como foram dispostos, não se encaixam nas normas gramaticais da língua portuguesa, tampouco da língua espanhola, uma vez que cultura e México são palavras feminina e masculina, respectivamente, em ambas línguas, e os artigos utilizados para acompanhar cada uma delas corresponde, gramaticalmente, aos do gênero oposto. Se o uso desses artigos tivesse seguido as normas da gramática, o enunciado seria, no português, “A cultura do México” e, em espanhol, “La cultura de México”.

Isso significa que esse enunciado parece favorecer a desestabilização do valor de verdade proposto pelo paradigma monolíngue de que a língua é “pura” e regida por um sistema de normas gramaticais que condenam o uso “incorreto” de estruturas sintáticas, tanto na língua portuguesa como na língua espanhola, e consideram como usos legítimos da língua apenas aqueles que se encaixem nessa determinação. A decisão de usar elementos das duas línguas é considerada, para a concepção monolíngue e para aqueles que falam do lugar da normatividade gramatical, um abuso, uma ameaça à ordem, uma destruição do que estamos acostumados a conhecer (BAUMAN, 2017). Entretanto, de acordo com a interpretação que proponho, esse trânsito das línguas por diversas territorialidades indica o que Bauman (2016) evidencia como uma das demonstrações dos desafios transfronteiriços com os quais o Estado-Nação não está mais sendo capaz de lidar: a convivência de línguas distintas e um mesmo território.

Além disso, referindo-me especialmente ao uso de “el cultura” e de “la México”, outra desestabilização do paradigma monolíngue é percebida. Ela se refere à questão trabalhada por Figueredo (2011) sobre falante nativo e não nativo, especificamente sobre o fato de que a propaganda apresenta as línguas como pertencentes a todos, não apenas ao falante nativo, e como “dono” das línguas, qualquer pessoa pode modificá-las ou reorganizá-las, sem precisar prender-se às regras determinadas pela gramática normativa de cada língua. Isso corrobora o apontado por Figueredo (2011) de que nem mesmo o falante nativo domina de maneira total um sistema linguístico e a amplitude do seu uso pela sociedade. Portanto, qualquer pessoa, seja falante nativo ou não da língua, pode decidir como usar elementos linguísticos de determinada língua e até mesmo infringir a gramática normativa dessa língua.

Ademais, isso contraria a posição de Canagarajah (2013) – de que apenas os falantes nativos das línguas, e moradores da comunidade à qual a língua pertence, podem usá-la e manipulá-la – e reafirma a ideia de que, independentemente de o indivíduo pertencer a uma comunidade específica, ele pode manipular e remodelar a língua,

podendo até mesmo usar elementos que possuem um uso específico dentro da língua de maneira a des/reterritorializá-los.

No entanto, o uso de elementos linguísticos de duas línguas em um mesmo enunciado, está longe de confirmar o que Bauman (2017) discute – que tudo o que é contrário às normas pré-estabelecidas, como é o caso da língua que aceita a eliminação da “pureza” da sua gramática normativa e que o não seguimento a regras gramaticais configura-se como uma ameaça à língua nacional – já que, nesse caso, nem a língua portuguesa nem a língua espanhola se veem ameaçadas. Pelo contrário, a identidade do produto vendido pelo restaurante é reafirmada, pois confirma a concepção de que, por ser um estabelecimento comercial que trabalha com o selo mexicano, uma forma de marcar essa identidade é mediante o uso de elementos da língua determinada como “natural” ao território mexicano pelo conceito de Estado-Nação que, nesse caso, é o espanhol. Portanto, em vez de configurar-se uma ameaça à identidade nacional mexicana, o enunciado des/reterritorializado demonstra ser um meio de confirmação dessa identidade.

Mediante essa discussão, percebe-se que a transitoriedade das línguas entre as territorialidades promove uma des/reterritorialização, pois elementos de duas línguas foram utilizados em uma territorialidade que não corresponde nem à territorialidade determinada pelo Estado-Nação para a língua espanhola nem àquela determinada para a língua portuguesa.

### **3.5 Pista caliente**

O quinto enunciado a ser analisado é “Pista caliente” (Imagem 6), também apresentando características que, na minha concepção, contribuem para o desequilíbrio de territorialidades relacionadas ao paradigma monolíngue e, a um só tempo, fortalecem-nas.

Imagem 6 – Enunciado des/reterritorializado 5



Fonte: Página do El Pancho no Facebook<sup>11</sup>.

Nesse enunciado, a primeira desestabilização notada diz respeito, de maneira igual a todos os enunciados anteriores, ao conceito de língua nacional proposto pelo Estado-Nação. Sobre isso, vale destacar, primeiro, o uso dos vocábulos pista e caliente em um mesmo enunciado, o primeiro podendo ser entendido como português ou espanhol, pois possui a mesma grafia e significado em ambas as línguas, e o segundo como sendo originalmente da língua espanhola. A des/reterritorialização que sugere esse enunciado é o uso de uma expressão coloquial do português “traduzida” para a língua espanhola, mas usada em um território que possui como língua oficial/nacional a portuguesa, conforme determinado pelo Estado-Nação.

Isso significa que as línguas, ao contrário do que prega o paradigma monolíngue, podem transitar por diversas territorialidades e não ficar presas às determinações do monolinguismo. Exemplo disso é a expressão “pista quente” que, na língua portuguesa, significa uma pista de dança agitada, com muitas pessoas dançando, animadas, uma pista “quente”, “pegando fogo”. No entanto, essa expressão, ao invés de estar no original, no português, foi traduzida para o espanhol e apresentada com o mesmo significado. Isso aponta para uma dinâmica de des/reterritorialização das línguas, uma vez que uma expressão é emprestada de uma língua para outra para ser utilizada no território da língua original e indica caminhos que sugerem a grande possibilidade de as línguas serem, a todo tempo, des/reterritorializadas, emprestadas, manipuladas e transformadas.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Essa des/reterritorialização sugere a confirmação do que defende Zolin-Vesz (2016) ao sustentar que as línguas não podem mais comportar a ideia de homogeneização, de fixidez e de confinamentos a territórios, uma vez que elas são passíveis de, a todo momento, estarem envolvidas em um movimento de des/reterritorialização e de reterritorialização.

Além disso, o movimento de des/reterritorialização apresentado nesse enunciado, no meu ponto de vista, desestabiliza outro valor de verdade do paradigma monolíngue: o que determina que os únicos capazes de dar significado às línguas são os seus falantes nativos (CANAGARAJAH, 2013), aqueles que nasceram no território onde aquela língua é a nacional. Por esse motivo, o estranho/estrangeiro, aquele que não nasceu naquele território não pode fazer isso, justamente por não ser nativo e aquela língua não ser “natural” a ele, pois ela é apenas um empréstimo, e o simples empréstimo não transforma ninguém em “dono” da língua. Afinal, apenas os “donos” da língua, ou seja, os falantes nativos podem manipulá-la, transformá-la, remodelá-la e definir como ela pode ser usada.

A transição pelas territorialidades demonstrada por esse enunciado contribui para essa desestabilização de valor de verdade e sugere que até mesmo os falantes não nativos têm a possibilidade de manipular a língua, de traduzi-la e dar-lhe sentido. Isso ocorre porque esse enunciado foi produzido para um público originalmente, de acordo com o Estado-Nação, usuário da língua portuguesa e foi usada uma expressão típica também da língua portuguesa, traduzida para o espanhol, confirmando a concepção de que qualquer indivíduo pode utilizar a língua nos mais diversos territórios e territorialidades.

Sendo assim, os dois processos de des/reterritorialização apontados no enunciado “Pista quente”, assim como nos enunciados anteriores, sugerem a desestabilização tanto da relação entre língua (nacional) e território quanto da concepção de que o falante nativo é o único capacitado para usar e manipular a língua. Ademais, desequilibra a concepção de que só podem ser consideradas legítimas as práticas linguísticas que se encaixam nas determinações do paradigma monolíngue.

Entretanto, em contrapartida a esse posicionamento, o enunciado “pista quente” também reforça valores de verdade propagados pelo paradigma monolíngue e o reafirma. Isso, na minha concepção, pode ser identificado pelo fato de que, como a propaganda está voltada para o público brasileiro, o enunciado poderia estar escrito em língua portuguesa. No entanto, optou-se por traduzir a expressão para o espanhol, e essa decisão provavelmente foi tomada baseada na ideia de que os produtos vendidos no restaurante – ou serviços oferecidos, como a música tocada na pista – estão sob a bandeira da origem

mexicana, e no México, segundo a determinação do Estado-Nação, a língua de uso é o espanhol. Sendo a língua a responsável por marcar o pertencimento a determinado território, a maneira mais eficiente de reafirmar a origem dos produtos vendidos naquele estabelecimento é relacionar, de alguma maneira, a língua espanhola ao anúncio. Tem-se, portanto, o reforço do monolinguismo ao associar o espanhol ao anúncio de um produto que possui uma origem mexicana.

Dessa maneira, percebe-se, mais uma vez, que o enunciado analisado apresenta tanto características que desestabilizam certos valores de verdade do paradigma monolíngue como o reafirmam. Isso confirma que mesmo sendo perceptível um avanço em relação à concepção de língua na sociedade contemporânea, a “raiz” do paradigma monolíngue continua “fincada” em nossas relações com a língua e influenciando a nossa postura em relação às práticas linguísticas.

### **3.6 Tá quente, né hermano? Vem beber uma cerveza gelada pra refrescar!**

O sexto enunciado des/reterritorializado que apresento é o “Tá quente, né Hermano? Vem beber uma cerveza gelada pra refrescar!” (Imagem 7). Mais uma vez, elementos linguísticos das línguas espanhola (hermano, cerveza) e portuguesa convivem estabelecendo desestabilizações do paradigma monolíngue, ao mesmo tempo em que o confirmam.

Imagem 7 – Enunciado des/reterritorializado 6



Fonte: Página do El Pancho no Facebook<sup>12</sup>

A primeira desestabilização do paradigma monolíngue encontrada nesse enunciado diz respeito, como em todos os enunciados escolhidos para esta análise, à concepção de língua nacional, pois surge como uma manifestação da instabilidade dessa concepção. Ele demonstra que, mesmo em um território cuja língua nacional, de acordo com a definição do Estado-Nação, é a portuguesa – uma vez que se trata da cidade de Cuiabá-MT– um enunciado com elementos linguísticos da língua espanhola (hermano e cerveza) foi produzido.

Sob essa perspectiva, é possível sugerir que esse enunciado apresenta características que desequilibram o sentido de valor de verdade do paradigma monolíngue – determinando a língua como associada de maneira intrínseca a um território específico – sendo seu uso fora desse território ilegítimo, pois a única maneira de usá-la legitimamente é dentro de seu território e pelo falante nativo. No entanto, o enunciado “Tá quente, né Hermano? Vem beber uma cerveza gelada pra refrescar!” também sugere que essa ideia é frágil, pois, apesar de constituir-se em uma propaganda destinada a um público falante de língua portuguesa, conforme determina o Estado-Nação, elementos linguísticos da língua espanhola foram introduzidos para legitimar a nacionalidade representada pelo restaurante. Percebe-se, portanto, a primeira transitoriedade das línguas, pois a língua espanhola transitou entre as territorialidades e foi inserida em um território que não tem como língua oficial o espanhol.

---

<sup>12</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/>. Acesso em: 9 jul. 2017.



Outra desestabilização do paradigma monolíngue é apontada nesse enunciado: a de que as línguas são “puras” e de que essa pureza advém justamente da não convivência de umas com outras, pois elas são autônomas e a convivência pressuporia a “poluição” dessa língua. No entanto, esse enunciado demonstra, mais uma vez, a possibilidade de convivência entre línguas nos diversos territórios e territorialidades e a confirmação das diversas práticas linguísticas que o mundo contemporâneo nos oferece.

Sob essa perspectiva, Bauman (2017) declara que existe uma clara divisão entre os nativos/nacionais e os estranhos/estrangeiros e o paradigma monolíngue defende essa mesma ideia ao determinar que essa divisão/distinção está explicitada na língua. No entanto, o enunciado “Tá quente, né Hermano? Vem beber uma cerveza gelada pra refrescar” caminha em oposição a essa afirmação, e isso é evidenciado com a palavra *hermano* que, ao contrário de demarcar uma divisão, serve para demonstrar uma aproximação entre “nós” e “eles”, desestabilizando, com isso, mais uma vez, um dos sentidos de verdade relacionado ao paradigma monolíngue.

A escolha desse elemento linguístico (*hermano*), originalmente da língua espanhola, no meu ponto de vista, não foi ingênua, pois, além de ser uma expressão utilizada como referência entre as pessoas latinas, é um marcador de proximidade, visto que irmão, muitas vezes, é considerado como quem ou aquele que é semelhante a outro na origem, na disposição e na forma. Portanto, ao contrário de ser uma palavra que estabelece distinção, distância, por ser um elemento de outra língua que não é a determinada pelo Estado-Nação para aquele território ao qual está direcionada a propaganda, é um vocábulo que marca proximidade, convivência, semelhança. Tem-se, dessa maneira, o segundo processo de transitoriedade das línguas por entre as territorialidades, possibilitando o uso de elementos linguísticos de uma língua no território de outra.

Além disso, outro desequilíbrio do paradigma monolíngue promovido pelo enunciado diz respeito à ideia de que só é possível utilizar uma única língua nas práticas comunicativas (CANAGARAJAH, 2013) porque tudo o que oferece mistura prejudica a homogeneidade e, como abordado anteriormente, a pureza da língua, características fortemente defendidas pelo paradigma monolíngue como essenciais para a classificação de uma prática comunicativa como legítima.

Ademais, a decisão de fazer com que as línguas portuguesa e espanhola convivam em um mesmo enunciado desafia a concepção de que as línguas não podem ser usadas fora de seu território “natural”, aquele que o Estado-Nação definiu para elas. Segundo

essa concepção, os elementos *cerveza* e *hermano* não poderiam ser usados em um contexto de língua portuguesa, pois não são “naturais” a ele, sendo correspondentes a esse contexto *cerveja* e *irmão*. Sabendo-se disso, confirma-se, mais uma vez, a desestabilização do paradigma monolíngue e a des/reterritorialização da língua espanhola, que foi utilizada em um território que não é “nacionalmente” o seu.

Por último, percebe-se outra des/reterritorialização, a de que não apenas o falante nativo tem o “poder” para usar a língua, modificá-la e dar-lhe sentido. Ao contrário da falta de legitimidade do uso da língua pelo falante não nativo, ideia defendida pelo monolinguismo, o que se nota no enunciado é uma demonstração de que não apenas o falante nativo tem poder para decidir como a língua deve ser usada, mas também qualquer pessoa, independentemente de sua origem, pode manipular a língua e usá-la em diferentes contextos. Afinal, esse enunciado foi produzido, possivelmente, por uma falante da língua portuguesa e foi direcionado a um público que tem como língua (nacional) o português. Percebe-se, dessa maneira, mais uma movimentação da língua entre as territorialidades e o seu não confinamento a um determinado território.

Contudo, de acordo com a interpretação que objetivo promover em todos os enunciados aqui analisados, apesar de “*Tá quente, né Hermano? Vem beber uma cerveza gelada pra refrescar*” refletir o desequilíbrio da concepção monolíngue, também demonstra a estabilidade desse paradigma. Esta demonstração está intrinsecamente relacionada à ideia, defendida pelo monolinguismo, de que a língua está “enraizada” no lugar que a ela foi determinado pelo Estado-Nação. Sendo assim, por se tratar de um estabelecimento comercial que tem como principal fonte de renda a comercialização de produtos traduzidos como *mexicanos*, uma maneira de demonstrar essa “raiz”, essa origem, é associar o lugar e os produtos à língua, até porque a língua tida como nacional no México é a espanhola, mesmo sendo de amplo conhecimento que o espanhol não é o único idioma a ser utilizado naquele território.

Dessa maneira, pode-se alegar que esse enunciado, a meu ver, por um lado, questiona as determinações do paradigma monolíngue e, por outro, reafirma essas determinações. Essa suposta contradição demonstra que, apesar de haver um visível progresso no entendimento de língua que se tem na atualidade, certas estabilidades insistem em fazer parte das práticas comunicativas contemporâneas.

### **3.7 Estamos fechado para descanso. Amanhã voltamos com muy animación**

O enunciado “Estamos fechado para descanso. Amanhã voltamos com muy animación” (Imagem 8) também apresenta des/reterritorializações e confirma que as línguas, no mundo contemporâneo atravessam diversas territorialidades, não estando mais apenas presas aos moldes do paradigma monolíngue. A primeira delas diz respeito à convivência entre elementos linguísticos da língua espanhola e portuguesa e a segunda está relacionada à não sustentação do estabelecido gramaticalmente pelo paradigma monolíngue para a língua espanhola.

Imagem 8 – Enunciado des/reterritorializado 7



Fonte: Página do El Pancho no Facebook<sup>13</sup>

O enunciado, como todos os utilizados neste trabalho, apresenta elementos linguísticos relacionados à língua espanhola (muy, animación) com uma característica singular, que, por sua vez, também evidencia uma desestabilização do paradigma monolíngue. Destaca-se, contudo, que não concentrarei minha análise na aparente falta de concordância identificada no enunciado, pois esse não é o foco do meu trabalho. Centrarei os meus esforços em analisar a convivência entre as línguas do enunciado.

Dito isso, e partindo ao que interessa para a interpretação que intento promover, mais uma vez, a língua espanhola foi colocada para conviver com a língua portuguesa em um território que, para o paradigma monolíngue, a única prática comunicativa legítima seria a feita apenas em uma língua, a portuguesa. No entanto, avançando em direção contrária ao que Mignolo (2003) havia exposto sobre as línguas estarem associadas aos

<sup>13</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/>. Acesso em: 27 fev. 2017.

territórios nos quais eram consideradas como nacionais, a língua espanhola surge em um contexto de língua portuguesa e se modifica, evidenciando que não apenas o falante nativo é o único capaz de manipular a língua. Percebe-se, portanto, a partir disso, a primeira desestabilização do paradigma monolíngue e a possibilidade de trânsito das línguas por entre as territorialidades.

De acordo com a tríade herderiana, a comunidade é a dona da língua e os outros são apenas usuários ilegítimos dela, usuários não capazes de expressar os pensamentos e valores de sua vida em comunidade na língua de outra pessoa. Sendo assim, toda manifestação linguística que advenha de um usuário ilegítimo é, portanto, igualmente deslegitimada. Ademais, os falantes nativos são os donos da língua e os outros são inferiores e dependentes das normas e regras impostas pelos falantes originais, pois só estes poderiam modificar a língua. Entretanto, o enunciado “Estamos fechado para descanso. Amanhã voltamos com muy animación” demonstra que essas ideias não possuem mais tanta sustentação, porque um usuário não nativo da língua também pode modificá-la.

Essa modificação à qual me refiro é percebida na utilização de “muy animación” ao invés de “mucha animación”, como determina a gramática normativa da língua espanhola. Longe de querer assemelhar a prática linguística ao esperado e determinado pelo paradigma monolíngue e, conseqüentemente, à gramática normativa, o enunciado demonstrou que não apenas os falantes nativos podem determinar as utilizações da língua. Isso é observado porque se utilizaram elementos da língua espanhola em uma propaganda voltada para um público não falante de espanhol. Ademais, considerando as limitações de uso da língua imposta pelo paradigma monolíngue e, concomitantemente a isso, a “pureza gramatical”, também houve desestabilização, pois o enunciado não foi fiel às normas do paradigma monolíngue e contrariou a gramática normativa, tão valorizada pela orientação monolíngue, ao usar uma estrutura não possível gramaticalmente.

Tudo isso demonstra o movimento de des/reterritorialização das línguas, uma vez que elas não podem mais ser limitadas a um único território, nem ter o seu uso regulado e normatizado, até porque, como declarado por Bauman (2016), os Estados-Nação não estão mais sendo capazes de lidar com os desafios transfronteiriços que o mundo contemporâneo oferece, e as línguas, que antes eram entendidas como confinadas a territórios, não estão mais se limitando a fronteiras geográficas, nem a regras gramaticais.

Apesar de todo esse trânsito das línguas pelas diversas territorialidades, mesmo um enunciado que apresenta desequilíbrio do paradigma monolíngue, que é o caso do

“Estamos fechado para descanso. Amanhã voltamos com muy animación”, de maneira igual, demonstra a sua estabilidade, afinal, uma vez mais a língua espanhola foi usada para marcar a equivalência entre língua e território, nesse caso, o território mexicano. Como o anúncio do fechamento para descanso se refere ao restaurante El Pancho, que se dedica a vender comida traduzida como mexicana, a língua espanhola, ainda que “modificada”, foi usada no anúncio como uma maneira de marcar a equivalência entre o lugar de origem e os produtos vendidos no estabelecimento, isso porque a língua oficial/nacional do México é o espanhol.

Vale reiterar, portanto, que, embora seja reconhecível o anseio do mundo contemporâneo por novas concepções de língua, a concepção monolíngue, por estar associada ao Estado, ainda demonstra muita influência nas manifestações linguísticas. Por esse motivo, permanecem pensamentos que confirmam a noção de que língua e comunidade estão “enraizadas” em determinados territórios e que afirmações como a de Zolin-Vesz (2016), da manutenção no nosso imaginário da equivalência entre língua e lugar, ganham força.

### **3.8 La noche mais animada de Cuiabá!**

“La noche mais animada de Cuiabá!” (Imagem 9) é um recorte de um enunciado maior, uma propaganda do restaurante de comida traduzida como mexicana El Pancho, e também ameaça abalar os pilares do paradigma monolíngue, ao mesmo tempo em que sugere a sua manutenção. Para começo de conversa, esclareço a opção pelo recorte por considerar que apenas esse fragmento é relevante para a análise em desenvolvimento, porém também creio importante levar em conta o contexto no qual ele está inserido.



Fonte: Página do El Pancho no Facebook<sup>14</sup>

O enunciado “La noche mais animada de Cuiabá” é um recorte de uma propaganda do restaurante El Pancho e tem como finalidade divulgar um evento que iria ser promovido naquele local. O evento ao qual o enunciado se referia era uma comemoração do dia dos mortos, 2 de novembro, uma típica comemoração mexicana. As principais des/reterritorializações apontadas no enunciado são duas: o uso da língua espanhola em um território em que ela não é a língua nacional e a manipulação do idioma por falantes considerados ilegítimos para isso.

No que diz respeito à primeira delas, observa-se a queda da ideia de territorialização da língua, promovida pelo paradigma monolíngue e sobre a qual Canagarajah (2013) disserta. Nesse caso, elementos linguísticos originalmente da língua espanhola (la, noche) foram utilizados em uma territorialidade da língua portuguesa, até porque a propaganda estava, supostamente, direcionada a pessoas moradoras do território brasileiro, mais especificamente moradoras da cidade de Cuiabá, tanto que o próprio enunciado manifesta isso com a afirmação de que se trata da “noche mais animada de Cuiabá”. Vê-se, portanto, o trânsito da língua espanhola para uma territorialidade que não é a sua e a legitimação de uma manifestação linguística que caminha em direção contrária ao engessamento do monolinguismo.

A segunda des/reterritorialização está relacionada ao fato de a língua espanhola estar sendo usada por falantes não nativos, aqueles considerados pelo paradigma

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/>. Acesso em: 1º ago. 2017.

monolíngue como não capazes de usar de maneira legítima a língua, pois os únicos capacitados para isso seriam os falantes nativos. De acordo com a tríade herderiana, pilar do monolinguismo, a língua só pode expressar os valores do território a ela associado pelo Estado-Nação e, por ser assim, apenas a comunidade que está relacionada a essa língua pode manipulá-la. No entanto, o uso de elementos linguísticos da língua espanhola por usuários não legítimos, moradores de um território alheio à língua espanhola e nativos em outro idioma sugere que essa ideia, defendida pelo paradigma monolíngue, está fragilizada, uma vez que usuários “não legítimos” da língua também podem manipulá-la e usá-la como preferirem. Mais uma vez, percebe-se que a língua extrapola fronteiras territoriais e transita entre as territorialidades, desestabilizando, pelo caminho, os pilares do paradigma monolíngue.

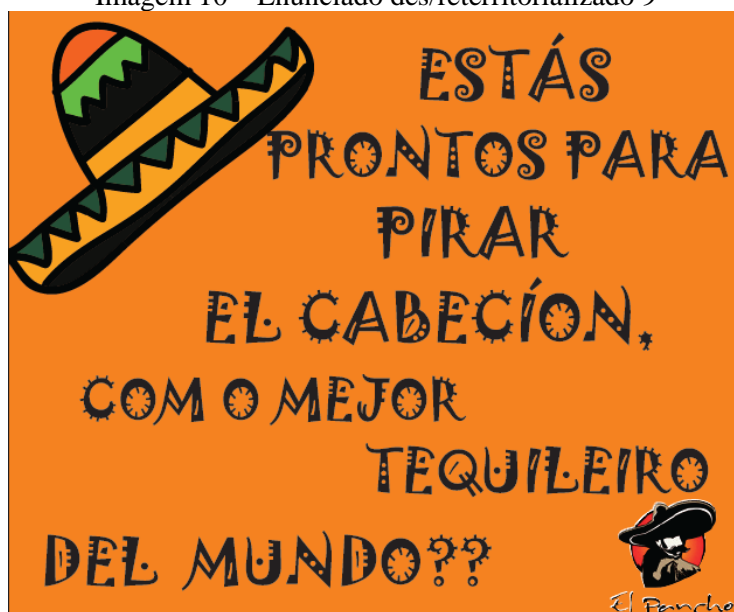
Em contrapartida, o enunciado “La noche mais animada de Cuiabá” também possui características que o classificam como estabilizador dos valores de verdade do paradigma monolíngue, pois, mesmo se referindo a uma comemoração realizada em território de língua portuguesa e destinada a usuários de língua portuguesa, por se tratar de uma comemoração traduzida como tipicamente mexicana, optou-se por usar a língua espanhola para demonstrar isso. Afinal, uma das verdades defendidas pelo monolinguismo é a de que existe a equivalência entre língua e lugar. Então, no caso de ser uma comemoração do dia dos mortos com características traduzidas como tipicamente mexicanas, a melhor maneira de explicitar a origem mexicana do evento e relacioná-lo ao seu lugar de origem é incorporar a língua espanhola ao enunciado.

Verifica-se, portanto, uma aparente contradição que demonstra, sob uma ótica, uma contestação ao valor de verdade do paradigma monolíngue que determina a obrigatoriedade de uso das línguas pelos seus usuários nativos e, sob outra, a manutenção do pilar da orientação monolíngue que relaciona a língua à identidade das comunidades.

### **3.9 Estás prontos para pirar el cabeción, com o mejor tequileiro del mundo??**

O enunciado “Estás prontos para pirar el cabeción, com o mejor tequileiro del mundo?” (Imagem 10), no que lhe diz respeito, também apresenta a desestabilização do paradigma monolíngue e demonstra o trânsito da língua por diversas territorialidades. Além disso, de início já é possível notar que, dentre as características que demonstram essa desestabilização, está a mesma apontada no enunciado 5, ou seja, o uso de uma expressão coloquial da língua portuguesa “traduzida” para o espanhol.

Imagem 10 – Enunciado des/reterritorializado 9



Fonte: Página do El Pancho no Facebook<sup>15</sup>

Logo nas duas primeiras palavras do enunciado, já é perceptível a primeira desestabilização do paradigma monolíngue. Esse desequilíbrio diz respeito à concepção de língua nacional, de uma língua que é regida pela gramática normativa e que, por isso, as manifestações que destoam dela são consideradas inaptidões, erros, falhas, transgressões, justamente por serem entendidas como atentados à estabilidade e à pureza gramatical da língua original. As palavras “estás prontos” não estão dispostas de acordo com as regras gramaticais do português nem do espanhol, pois as gramáticas da língua portuguesa e da língua espanhola diriam que a grafia “correta” poderia ser, no singular, “estás pronto” ou, no plural, “estais/estáis prontos”. No entanto, percebe-se que não houve a opção entre singular e plural; pelo contrário, misturaram-se as duas formas, o que, a meu ver, sugere a primeira desestabilização da concepção baseada no monolinguismo, defensor da ideia de supremacia gramatical, sendo o desrespeito a suas normas considerado deficiência, alienação, consoante Canagarajah (2013). A pontuação utilizada também poderia se encaixar nesse mesmo pressuposto, pois o uso da vírgula e dos sinais de interrogação não corresponde à normatização da língua espanhola nem à da língua portuguesa. Tem-se, portanto, o trânsito das línguas pelas territorialidades e a sua não fixação em nenhuma dessas territorialidades estabelecidas como legítimas pelo paradigma monolíngue.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/>. Acesso em: 27 fev. 2017.



O segundo desequilíbrio do paradigma monolíngue é semelhante ao encontrado no enunciado 5, quando se utiliza a expressão “pirar el cabeción” que, em português é muito utilizada como “pirar o cabeção”, significando descontrolar-se, desnortear-se, perder a calma. Nesse caso, descontrolar-se com a bebida, encher a cara. Nota-se, no enunciado “Estás prontos para pirar el cabeción, com o mejor tequileiro del mundo?”, que houve uma tradução do português para o espanhol, mas que a equivalência gramatical exigida pelo paradigma monolíngue e a noção de pureza gramatical não foram mantidas, uma vez que se utilizou a palavra “cabeción”, quando a regramatical exigiria “cabezón”. Além disso, essa tradução aponta para o entendimento consensual de que como muitas das palavras terminadas em -ção no português (como emoção, canção e locução) terminam em -ción em espanhol (como emoción, canción e locución), não seria diferente com a palavra cabeção. Isso demonstra, mais uma vez, a legitimação de algo que o paradigma monolíngue consideraria como transgressão, erro, inaptidão, e a dinâmica de reterritorialização de línguas.

Por último, percebe-se também o desequilíbrio da orientação monolíngue no que diz respeito à convivência entre elementos linguísticos da língua espanhola (mejor, del) e da língua portuguesa (com, o, tequileiro) em um mesmo enunciado, desconsiderando a determinação – do paradigma monolíngue – de que as línguas são autônomas e não podem conviver em um mesmo território e em uma mesma territorialidade de forma legítima. É perceptível, portanto, o movimento de des/reterritorialização, a transitoriedade das línguas entre territorialidades, pois elementos linguísticos da língua espanhola conviveram em um território que correspondia, de acordo com o Estado-Nação, a apenas um desses territórios, o da língua portuguesa.

Por meio dos desequilíbrios mencionados, percebe-se o trânsito entre as territorialidades pelas quais a língua passa. Primeiro, há o desequilíbrio referente ao uso, em uma determinada territorialidade, de construções que não dizem respeito a nenhuma dessas territorialidades e, depois, é possível identificar também o movimento de des/reterritorialização das línguas mediante uma expressão de um idioma que foi traduzida para outro – sem a manutenção de regras gramaticais – e usada na territorialidade da língua original que a gerou. Portanto, nesse enunciado, a língua espanhola transitou pelo território da língua portuguesa e contrariou o que Mignolo (2003) havia afirmado sobre as línguas não poderem ser manipuladas, transformadas e remodeladas justamente por estarem associadas a um único território, demonstrando o

desgaste da concepção de que as línguas possuem uma relação “natural” com os territórios.

Para além disso, e de maneira contrária, o enunciado “Estás prontos para pirar el cabeción, com o mejor tequileiro del mundo?” , ao mesmo tempo em que desestabiliza alguns dos pilares do paradigma monolíngue, acaba confirmando-os e legitimando-os. Essa afirmação pode ser justificada pela implementação de elementos linguísticos do espanhol em uma propaganda de um restaurante que tem como carro-chefe a comercialização de alimentos traduzidos como mexicanos, e, assim, há a determinação do Estado-Nação para o México de que ele possui uma língua nacional, sendo essa língua o espanhol. Dessa maneira, a forma mais evidente de demonstrar tal determinação é incorporar esse idioma à propaganda e associá-lo ao produto.

Esse enunciado, portanto, confirma que, enquanto, por um lado, há certa instabilidade em relação ao paradigma monolíngue, este ainda continua estável o suficiente para ter mantidas as suas características mesmo em um enunciado des/reterritorializado. Isso reafirma o que já tinha sido abordado por Zolin-Vesz (2016): apesar de ser possível reconhecer a debilidade das fronteiras territoriais, essas formas de divisão de território continuam presentes no imaginário cultural e linguístico, tanto que, mesmo em um enunciado que demonstra a instabilidade dessas formas de território, elas são confirmadas.

Nesta dissertação, tentei analisar enunciados des/reterritorializados em anúncios de um restaurante de comida traduzida como mexicana, o El Pancho, em Cuiabá. Com o propósito de buscar entender quais são as territorialidades e os territórios pelos quais transitam os enunciados e de que maneira eles contribuem para a legitimação e a deslegitimação de valores de verdade relacionados ao paradigma monolíngue, observei nove enunciados, que foram:

1	Venha para el lugar más caliente da cidade
2	Diversión usted encontra só aquí
3	Eai? Que tal una cerveza pra dar uma refrescada?
4	El cultura de la México pertinho de usted
5	Pista caliente – Vem dançar no El Pancho
6	Tá quente, né hermano? Vem beber uma cerveza gelada pra refrescar!”
7	Estamos fechado para descanso. Amanhã voltamos com muy animación
8	La noche mais animada de Cuiabá
9	Estás prontos para pirar el cabeción, com o mejor tequileiro del mundo??

Nessa busca, partindo de episódios que motivaram a escrita deste trabalho, como o comentário deixado em um dos anúncios postados na página do restaurante El Pancho no Facebook, a proposição do projeto de lei n. 1676/99, de autoria do deputado Aldo Rebelo, que visava vetar todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira no território nacional, e a rejeição à presença de variedades linguísticas no livro didático *Por uma vida melhor*, distribuído pelo MEC para alunos da Educação de Jovens e Adultos, lancei mão, primeiramente, de estudos que explicam como a concepção monolíngue se tornou tão consolidada no nosso imaginário linguístico. Para isso, recorri aos trabalhos de Mignolo (2003) e Canagarajah (2013) sobre o paradigma monolíngue e, para explicar a consolidação dessa concepção, parti das ideias de estranho/estrangeiro, de Bauman (2016; 2017), identidade, de Albuquerque Jr. (2012) e Canclini (2008), língua nacional e Estado-Nação, Mignolo (2003), Albuquerque Jr. (2012) e Bauman (2016). Para complementar essas ideias, introduzi a definição de enunciado des/reterritorializado de Zolin-Vesz (2016) e salientei que, pelas configurações do mundo contemporâneo, cujas fronteiras se tornam cada vez mais porosas e fluidas (ZOLIN-VESZ, 2014), a convivência

entre língua dentro de um mesmo território é cada vez mais frequente, o que pode ser observado em diversos anúncios divulgados pela mídia.

Meu argumento nesta investigação foi, portanto, que, ao estimular a convivência entre duas línguas, em um mesmo enunciado, cria-se um enunciado des/reterritorializado, que demonstra, a um só tempo, a legitimação e a deslegitimação dos valores de verdade em relação ao paradigma monolíngue. Por isso, é necessário identificar as territorialidades pelas quais transitam esses enunciados des/reterritorializados e como esses enunciados deslegitimam e legitimam, ao mesmo tempo, determinados valores de verdade em relação ao paradigma monolíngue.

Assim, elaborei duas perguntas de pesquisa, as quais retomo, a fim de tentar respondê-las:

- 1) Quais são as territorialidades pelas quais transitam os enunciados des/reterritorializados aqui analisados?
- 2) Quais valores de verdade, em relação ao paradigma monolíngue, são deslegitimados e quais são legitimados?

Para responder à primeira pergunta, busquei analisar, a partir dos preceitos do paradigma monolíngue, quais são essas territorialidades, como a língua nacional, a gramática normativa, o confinamento a um único território e o pertencimento a uma determinada comunidade, marcando, conseqüentemente, uma identidade, a identidade nacional, ademais da apresentação do falante nativo como o único capaz de manipular a língua por ser o seu “dono”. Assim, identifiquei, em todos enunciados, o trânsito da língua por essas territorialidades, uma vez que estava sendo usada em um território que não era o determinado a ela pelo paradigma monolíngue, sem considerar normas prescritas pela gramática, sendo manipulada por falantes não nativos e colocada para conviver com outra língua, não limitando, dessa maneira, o seu pertencimento a um território e a uma comunidade específica. A partir desse trânsito por entre as territorialidades ficou sugerida a des/reterritorialização dos enunciados.

A segunda pergunta de pesquisa foi dividida em duas partes. Primeiro, procurei evidenciar quais valores de verdade em relação ao paradigma monolíngue eram deslegitimados nos enunciados. Identifiquei, com isso, que valores de verdade como o de língua nacional, pertencente a um único território e regida por uma gramática normativa,

además de específica de uma comunidade e passível de ser alterada e manipulada apenas pelos falantes nativos, eram deslegitimados, uma vez que a língua, nesse caso, o espanhol, estava sendo usada em uma territorialidade e em um território que não eram seus. Dito de outro modo, estava sendo usada em um território de língua portuguesa, por falantes não nativos e sendo manipulada por eles, não tendo, dessa maneira, suas normas gramaticais respeitadas. Assim, com as deslegitimações apontadas, parti para a apresentação da legitimação desses valores de verdade. Procurei demonstrar que, ao mesmo tempo em que essas características apontam para a deslegitimação de sentidos de valores de verdade relacionados ao paradigma monolíngue, o confirmam, pois incluir a língua espanhola em propagandas de um restaurante de comida traduzida como mexicana é uma maneira de legitimar a ideia de língua nacional. Isso se dá porque, de acordo com a orientação monolíngue, o México possui uma língua nacional, o espanhol; logo, uma maneira de legitimar as referências a esse país, ao território mexicano, em um anúncio, é incluir a língua espanhola na propaganda. Afinal, essa concepção concede à língua a responsabilidade por marcar a identidade de uma determinada comunidade.

Sendo assim, diante das observações feitas nos nove enunciados analisados, conclui-se com este trabalho que parece estar sendo sugerida a ampliação da concepção de língua predominante na sociedade, pois, de maneira cada vez mais evidente, está se tornando possível encontrar enunciados circulando por diversos territórios e territorialidades, visto que, como explicitado, o mundo contemporâneo possibilita acesso maior a essas múltiplas territorialidades. O paradigma monolíngue e as territorialidades consideradas como intrínsecas a ele, embora tenham engessado a língua e a confinado a territórios específicos, como observei nos enunciados trabalhados nesta pesquisa, não estão conseguindo impossibilitar a criação de manifestações que contrariam essa concepção, justamente pelos novos desafios transfronteiriços que o mundo contemporâneo está tendo que enfrentar, como a convivência entre línguas e a crescente possibilidade de acesso a diversas territorialidades, circunstâncias que oportunizam a criação de enunciados des/reterritorializados e desequilibram a estabilidade dos valores de verdade atrelados à orientação monolíngue.

No entanto, seguindo em direção inversa a essa conclusão, este trabalho também proporcionou a demonstração de que, apesar de ser percebida a existência de uma ampliação da concepção monolíngue, ainda permanece engendrada em nosso imaginário cultural e linguístico a equivalência “natural” entre território e língua. Essa visão é sugerida, de igual modo, nos nove enunciados analisados, com a inclusão da língua

espanhola em propagandas de um restaurante de comida traduzida como mexicana e se sustenta na afirmação de que é persistente a influência do monolinguismo na forma como concebemos as línguas. Isso é tão palpável que, até mesmo em enunciados nos quais é possível notar que novos caminhos em relação à língua estão sendo tomados, de igual maneira, é possível identificar características que confirmam que seguimos fiéis aos preceitos do paradigma monolíngue.

A percepção desse processo de mão dupla da concepção de língua contribui para a reflexão e a problematização acerca dos motivos que nos levam não apenas à construção de enunciados des/reterritorializados que reforçam as bases do paradigma monolíngue – como os nove considerados nesta pesquisa – mas também à rejeição de práticas linguísticas que consideram o incessante trânsito pelas múltiplas territorialidades oferecidas pela configuração do mundo contemporâneo e pelos seus desafios transfronteiriços – como o projeto de lei proposto pelo deputado Aldo Rebelo, cuja proposta era banir o uso de estrangeirismos em território nacional (FARACO, 2007). Além disso, contribui, também, para nosso distanciamento de posturas que considerem como legítimas construções que admitem usos caracterizados pela gramática normativa como “errados” ou inaceitáveis, de acordo com o identificado na fala do jornalista Alexandre Garcia em relação ao livro *Por uma vida melhor*, distribuído pelo Ministério da Educação (BARONAS; COX, 2013).

Ademais, analisar a recorrência dessas construções linguísticas nos variados contextos da vida social pode favorecer o entendimento dos fatores que influenciam a permanência do valor de verdade no qual o paradigma monolíngue está fundamentado. Sob essa perspectiva, será possível reconsiderar a concepção de língua em conformidade com “a des/reterritorialização – o trânsito por múltiplas territorialidades, quer sejam geográficas, quer normativo-gramaticais, para o incremento da multiplicidade linguística no mundo contemporâneo” (ZOLIN-VESZ, 2016, p. 226).

Apesar dessas contribuições que a investigação apresenta, reconheço que a sua principal limitação esteja em não considerar outros contextos de criação e circulação de enunciados des/reterritorializados, nem as relações de poder que estão associadas a eles. Como esses enunciados seriam entendidos em uma sala de aula de línguas do curso de Letras de uma universidade federal? Quais as relações de poder que (im)possibilitariam a formação, a divulgação e o seu estudo deles nesse contexto? Haveria reconhecimento de sua legitimidade ou incentivo à sua produção? A língua escrita acadêmica aceitaria os

enunciados des/reterritorializados como reflexo dos discursos que circulam em um mundo globalizado com fronteiras linguísticas consideravelmente deterioradas?

Vale frisar, entretanto, que, apesar da relevância desses questionamentos, aparenta ser inadiável a possibilidade de (re)consideração de uma concepção de língua que considere as fronteiras porosas e fluidas do mundo contemporâneo, um conceito no qual as línguas se misturem, convivam e formem enunciados des/reterritorializados que revelem as configurações transfronteiriças das sociedades. Essa (re)consideração da pluralidade das territorialidades pelas quais transitamos e a sua resposta por meio da legitimação dos enunciados des/reterritorialidades contribuiriam muito para o avanço linguístico.

O que imagino, no entanto, como mais urgente, é a provocação que busco promover com esta pesquisa: que não consideremos estar fechados para descanso no que diz respeito à concepção de língua, mas que possamos voltar com muy animación a investigar as fronteiras que o paradigma monolíngue colocou entre elas para intentar derrubá-las e legitimar as práticas linguísticas que correspondem às configurações do mundo contemporâneo. Espero que este trabalho não seja um adiós à abordagem des/reterritorializada das línguas e de enunciados, mas que seja um hasta luego.

## **LOS REFERENCIAIS**

ALBUQUERQUE JR. D. M. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ASSIS-PETERSON, A. A. Como ser feliz no meio de anglicismos: processos translógicos e transculturais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 47, n. 2, p. 323-340, 2008.

BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. Por uma vida melhor na mídia: discurso, aforização e polêmica. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 13, n. 1, p. 65-93, 2013.

BAUMAN, Z. *Babel: entre a incerteza e a esperança*/Zygmunt Bauman, Ezio Mauro. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

\_\_\_\_\_. *Estranhos à nossa porta*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CANAGARAJAH, S. *Translingual practice – global Englishes and cosmopolitan relations*. Londres: Routledge, 2013.

CANCLINI, N. G. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. The notion of transglossia and the phenomenon of linguistic mestizations in contemporary societies. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 20, p. 131-151, 2006.

FARACO, C. A. *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

FIGUEREDO, C. J. O falante nativo de inglês versus o falante não-nativo: representações e percepções em uma sala de aula de inglês. *Linguagem & Ensino*, v. 14, n. 1, p. 67-92, 2011.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GRIGOLETTO, M. Mídia e discurso sobre ensino de línguas na escola: circulação de saber e posição-sujeito para o aluno. *Eutomia*, v.1, n.9, p. 308-320, 2012.

JACQUEMET, M. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. *Language & Communication*, n. 25, p. 257-277, 2005.

\_\_\_\_\_. Transidioma. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 40, p. 19-32, jan./jun. 2016.

LUCENA, M. I. P.; NASCIMENTO. A. M. Práticas (trans)comunicativas contemporâneas: uma discussão sobre dois conceitos fundamentais. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 40, p. 46-57, jan./jun. 2016.



MIGNOLO, Walter. *Histórias Locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes, 2011.

RIBEIRO, J. O. S. Notas sobre o currículo como prática de tradução cultural. *Revista Margens Interdisciplinar*, [S.l.], v. 9, n. 12, p. 72-84, maio. 2016.

ZOLIN-VESZ, F. Como ser feliz em meio aoportunhol que se produz na sala de aula de espanhol: por uma pedagogia translíngua. *Trab. linguist. apl.* [online], v.53, n.2, p.321-332, 2014.

\_\_\_\_\_. *Esse é o final de uma era triste e o começo de uma fase muy feliz: translinguismo em telenovelas brasileiras*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

\_\_\_\_\_. Gusta me mucho: enunciados des/reterritorializados e a concepção de língua. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.19, n.1, p. 217-228, jan./jun. 2016.

## ANEXOS

## Anexo 1 – Página do Facebook com o anúncio

El Pancho - Foto: X

Seguro | <https://www.facebook.com/Restauranteelpancho/photos/a.157215164376560.31682.155791904518886/907017242729678/?type=3&theater>

**El Pancho**  
Te gusta esta página · 5 de octubre de 2015 · 🌐

Hoje estamos Fechado para recuperar as energias, mas amanha já voltamos com mucho mucho mas El Pancho. #Arriba #EIPancho #EsMuyBom #OMejor

Me gusta Comentar Compartir

9 Comentarios relevantes

Se ha compartido 1 vez 1 comentario

**Vanara Pirôpo "Muy" animacion**  
HAODHSKSODJakdlajskALDKALDKDBSL  
Me gusta · Responder · 8 de octubre de 2015 a las 20:06

Personas que quizá conozcas Ver todas

**María Rosa Do Nascimento**  
Añadir a mis amigos

## Anexo 2 – Detalle da imagem com o comentário

**El Pancho**  
Te gusta esta página · 5 de octubre de 2015 · 🌐

Hoje estamos Fechado para recuperar as energias, mas amanha já voltamos com mucho mucho mas El Pancho. #Arriba #EIPancho #EsMuyBom #OMejor

Me gusta Comentar Compartir

9 Comentarios relevantes

Se ha compartido 1 vez 1 comentario

**Vanara Pirôpo "Muy" animacion**  
HAODHSKSODJakdlajskALDKALDKDBSL  
Me gusta · Responder · 8 de octubre de 2015 a las 20:06